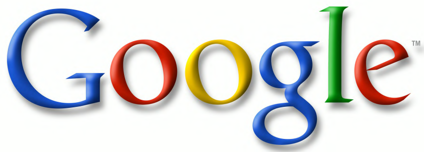




JUSTIÇA

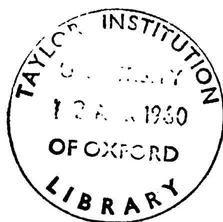
DRAMA EM 2 ACTOS

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

QUARTA EDIÇÃO

PORTO
EM CASA DE P. PODESTÁ — EDITOR
Rua do Almada n.º 255

1874



PORTO

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA INTERNACIONAL

de Bartholomeu H. de Moraes

50 — Rua da Picaria — 54

1874

PERSONAGENS

D. Ignez
D. Miquelina
Fernando Soares
D. Maria
Luiz d'Abreu
Pedro da Nobrega
Administrador do Bairro
Medico
Escrivão da Administração
E figuras que não fallam

A scena passa-se em Lisboa, n'um Hotel.

JUSTIÇA

ACTO PRIMEIRO

Uma saleta com porta ao fundo, para um corredor de serventia commum, e outra porta lateral para uma camara.

SCENA I

D. IGNEZ, LUIZ E PEDRO *sentados, em final de jantar, em roda de uma mesa, aonde avultam garrafas com differentes vinhos, fructas etc.* IGNEZ *toma do taboleiro servido por um creado, uma chavena de café, com que retribue a que lhe é offerecida por* PEDRO DA NOBREGA. *Entretanto,* LUIZ, *preguiçosamente recostado, saborêa um calix de vinho, e fuma. Affecta os ares d'uma meia embriaguez, e extasia-se nos rolos de fumo que lança do charuto.*

Luiz

Vejo tudo côr de rosa... A vida tem cousas bem boas, digam lá o que disserem os poetas de cemiterio. Poucos são os que sabem tirar proveito d'esta sublime patarata que os traductores em vulgar denominam sociedade. Achas que digo bem, Pedro da Nobrega, meu illustrado amigo?

Pedro

Dizes o melhor que se tem dito sobre a materia. Em quanto a mim, está provado que o mundo não é um valle de lagrimas, pelo menos no todo. Ha certos pedaços do mundo aonde não ha lagrimas.

Luiz

Particularmente nos terrenos onde predomina o *Malvasia*, o *Madeira*, e o *Champagne*.

Pedro

E o *Porto*. Faz favor de não esquecer o *Porto*. Eu sou patriota, e tenho minhas convicções a respeito do vinho do Porto.

Luiz

Se me dás licença, dir-te-hei que és um imbecil. Os homens de paladar mais depravado são os inglezes: ora, o vinho mais querido dos inglezes é o vinho do Porto: logo o vinho do Porto é um vinho depravado.

Pedro

Destinguo... mas nós esquecemos que está aqui uma senhora, e a conversa de armazem de certo não lisongêa o gosto de uma dama.

D. Ignez

Triste e resentida

Não importa: conversem no que quizerem.

Pedro

Nada, minha senhora, o assumpto é improprio.

Luiz

D'acôrdo; o assumpto é improprio; mas uma senhora de boa sociedade eclipsa-se, logo que a razão dos convivas machos se vai eclipsando. Quando estoura o gaz da primeira garrafa, é chegada a hora das expansões; e a mulher, que vive de brisas, e arrobamentos d'alma, levanta-se, e recolhe-se ao sanctuario dos seus devaneios.

D. Ignez

Depõe a chavena

Eu retiro-me, Luiz... é isso que queres dizer?

Luiz

Sorrindo e bebendo

És uma creatura intelligente, Ignez...

D. Ignez

Vexada e opprimida

Podéras-m'o ter dito... Bem sabes que eu não estou no caso de observar todos os deveres d'uma senhora de boa sociedade...

SCENA II

Luiz e Pedro

Luiz

Sorrindo

Não tem sal nenhum o remoque...

Fernando dá o braço a D. Ignez, e conduze-a á porta do quarto; Luiz, reparando na urbanidade do conviva, solta um frouxo de riso.

Estes homens, em vivendo na capital um anno, tornam-se cortezãos até ao ridiculo... Sinto-me bem. Sinto descozerem-se-me os rofegos do espirito. Estou expansivo como um amante depois de jantar. Até me sinto poeta, Pedro da Nobrega. A fonte dos poetas barbaros era d'agua, e, se bem me lembro, chamava-se Aganippe. A cousa agora é outra. A agua passou para a prosa aguada, e o vinho reassumiu toda a importancia que lhe deu o velho Horacio.

Pedro

Sinto quebrar o fio d'essa eloquente babuzeira, meu caro Luiz d'Abreu... Attende, tu tratas muito mal as mulheres...

Luiz

Trato!? essa é boa! Como costumas tu tratar as mulheres?

Pedro

Aposto que estás cansado de ser feliz!... Ha quanto tempo a tiraste de casa?

Luiz

Dous mezes. Nunca soffri tanto tempo as consequencias d'uma loucura...

Pedro

Se bem me lembro, não é esta a primeira loucura de tal genero...

Luiz

Pois ahi é que está a sandice... Eu já devia saber como sou. A primeira mulher que subtrahi ás vigilancias paternaes, era uma trigueirinha, chamada...

chamada... acho que era Angelina... Casei-a com um calafate, vinte dias depois. Sou um homem honrado. Fiz da pequena uma esposa modelo, e uma mãe exemplar. A segunda era uma rapariga bem educada e chamava-se... chamava-se... acho que era Angelina...

Pedro

Pois tambem era Angelina?!

Luiz

Pois a primeira tambem era Angelina?!

Pedro

Assim o disseste.

Luiz

Disse?... então não sei verdadeiramente o nome de nenhuma... Seria ella Celestina?

Pedro

Eu sei cá...! perguntas-m'o a mim?

Luiz

Pois dou-te a minha palavra de cavalheiro, que não sei bem se a terceira é que é Angelina.

Pedro

Já é a terceira! E que é feito da segunda?

Luiz

A Angelina?

Pedro

Sim, seja lá quem fôr.

Luiz

Essa... acho que casou, e está n'uma quinta creando patos, e gallinhas do Maranhão.

Pedro

E a terceira?

Luiz

A terceira é a Angelina?...

Pedro

E a quarta é Angelina, e a quinta é Angelina...

Luiz

Alto lá... quinta é demais: a quarta é esta rapariga que se chama Ignez.

Pedro

E quem é esta mulher?

Luiz

Pois eu não t'o disse já?

Pedro

Quando, se nos vimos, pela primeira vez, hoje em Lisboa, desde que, ha dous annos, te deixei no Porto?

Luiz

Eu te digo... chega cá essa vela (*acende o charuto com difficuldade*). Esta Ignez é filha d'uma beata, visita de minhas tias do Porto.

Pedro

E que mais!

Luiz

E tu que mais queres?

Pedro

Como a seduziste?

Luiz

A pergunta é tola! Pergunta a esta garrafa como é que ella electrisa as almas de gutta-percha, e faz d'um tupinamba um orador parlamentar, se ella tem a fortuna de ser elegivel...

Pedro

Prometteste casar?

Luiz

Penso que sim... não minto... sou um homem honrado; mas se prometti, não faltei ainda. Tenho o infinito como prazo; e como não invoquei o céo por tabellião nem testimunha, a coisa passou-se entre nós...

Pedro

Estás aborrecido, é o grande caso.

Luiz

Abrindo a bocca

Muito aborrecido... Ha dous mezes... Dous mezes, da maneira como agora se vive, são a vida d'um homem. As eternidades dos amantes não podem ir além de tres semanas.

Pedro

E estudas o pretexto para te desfazeres da carga...

Luiz

Parece-me que sim... Preciso ir á ilha de S. Miguel casar com uma parenta rica e velha, e não me lembra maneira nenhuma decente de tirar passaporte só para mim... Tu és homem de imaginação?

Pedro

Sou uma desgraça a respeito d'imaginação. Querias que eu inventasse a maneira decente de te remires do pezadello?

Luiz

Dava-te um beijo... Olha lá! que vinhas tu aqui fazer a este hotel, quando hoje te encontrei no pateo?

Pedro

Vinha visitar um brazileiro; que me foi hontem apresentado no *soirée* do visconde de Cascaes.

Luiz

Que hippopotamo é esse personagem?

Pedro

É um consummado cavalheiro, homem de muita instrucção, muito sympathico, e extremamente delicado.

Luiz

Rico?

Pedro

Fazem-lhe dous milhões de cruzados.

Luiz

Não é má fatia!... Tem filhas?

Pedro

Dizem que tem uma natural.

Luiz

Em algum collegio?

Pedro

Não sei: elle não falla n'ella. O visconde de Cascaes deu-me a perceber que este homem se retirára de Portugal por causa d'um rapto, e suppõe que mudou de nome no Brazil.

Voz de fóra

A chave do quarto n.º 5.

Pedro

É elle que pede a chave... Lá está parado, á espera, no corredor.

Luiz

Diz-lhe que entre.

Pedro

Para Fernando Soares no corredor

Snr. Fernando Soares, em quanto não vem a chave, se v. s.ª quer entrar no quarto d'este meu amigo...

SCENA III

Os mesmos, e Fernando Soares

Fernando

Tocando a mão com a de Pedro

Pois não, snr. Nobrega... como passou?

Pedro

Optimamente. Tenho a honra de apresentar-lhe o meu amigo e patricio Luiz d'Abreu.

Fernando

É do Porto este cavalleiro?

Luiz

Sou do Porto... Tem a bondade *(aproxima-lhe cadeira, que Fernando não occupa)*. Serve-se d'um calix de vinho? de genebra? um charuto?

Fernando

Muito grato.

Luiz

É brazileiro, ou portuguez?

Fernando

Nasci em Portugal, e estou naturalisado no Brazil. Ha vinte annos que deixei esta terra, e volto hoje a reconhecer os monumentos da minha infancia.

Luiz

Pois, senhor, querendo cartas de apresentação para o Porto, com muito gosto...

Fernando

Muito reconhecido ao seu favor. Tenho relações commerciaes com o Porto, e estas são-me sufficiente apresentação.

Voz Fora

A chave do quarto n.º 5.

Fernando
Faz menção de retirar-se
Se me dá licença...

Luiz
Apertando-lhe a mão
Meu caro senhor...

Fernando
O mesmo a Nobrega
Snr. Pedro da Nobrega... o meu quarto e o meu prestimo estão ás suas ordens. Meus senhores, boa noite. *(Sahe).*

SCENA IV
Pedro e Luiz

Luiz
O homem parece fino! Tem um metal de voz insinuante. O que faz o dinheiro!... Ora, meu caro Nobrega, vou tomar neve ao Suisso... queres vir?

Pedro
Vamos; mas vai primeiro ao quarto de D. Ignez.

Luiz
A que?!

Pedro
A pobre menina deve estar soffrendo horrivelmente... Diz-lhe duas palavras que te não custam nada, e poupas-lhe muitas lagrimas...

Luiz

Rindo, e refletindo depois

Vá lá... vamos ser piegas... (*Vai, e pára no umbral da porta*).

Pedro

Á parte accendendo o charuto

Chama-se isto um homem do grande mundo...

Luiz

Recuando, e voltando as costas para a camara de Ignez

Temos choradeira!... Boas noites... Vamos, Pedro...

D. Ignez

Dentro com afflicção

Vem cá, Luiz...

(Luiz, primeiro indeciso, fica, dando a Pedro signal de sahir).

SCENA V

D. Ignez e Luiz d'Abreu

D. Ignez

Vem cá, Luiz, por piedade!

Luiz

Affabilidade ironica

Não é preciso invocar a piedade. Aqui estou, Ignez, dos melhores humores para ouvir a vigesima quarta lamentação: mas, senão ordenas o contrario, sê breve,

que me está esperando no pateo o meu amigo. Vamos ao importante: porque choras, menina?

D. Ignez

Se não sabes porque eu choro, Luiz... como t'o hei de eu dizer?

Luiz

Ahi está um enigma, superior á minha intelligencia! Que te falta, Ignez?

D. Ignez

Falta-me o teu amor, falta-me o que me déste para eu poder esquecer-me de que sou uma mulher... infame...

Luiz

Infame!... porque?!

D. Ignez

Esta degradação...

Luiz

Onde tocam jerarchias mais elevadas que a tua...

D. Ignez

Que resposta, meu Deus!

Luiz

Não me lembrou outra, e a mais acertada foi esta. Pois cuidas que se degrada a mulher que ama?

D. Ignez

Degrada, sim, quando o homem que ella ama...

Luiz

Resentimento contrafeito.

Sou eu?... Isso morde um pouco o meu orgulho... Quer a menina dizer que os homens como eu não ennobrecem, aviltam a mulher que amam...

D. Ignez

Que amam!

Luiz

Ou que amaram: entenda a phrase como quizer.

D. Ignez

Supplicante.

Que maneira tão cruel de desenganar!... Ó Luiz, que te fiz eu?! Porque me aborreces assim?

Luiz

Pois eu posso entender-te?! Tens um genio exquisito, e eu não sei amansar caprichos, ou não estou para isso.

D. Ignez

Caprichos!... quaes, Luiz? Será capricho perguntar-te a causa do fastio em que passas commigo duas horas por dia!? Será capricho, oh meu Deus! chorar porque não posso soffrer, sem magoar-me, sem morrer; o premio que me dás, ao cabo de dous mezes... de dous mezes!... Poucos dias depois que deixei minha mãe, já em ti não havia uma só palavra, um só carinho do homem que me fez esquecer mãe, honra, futuro, e Deus! Que alma tu tens, Luiz!... Nem a misericordia depois do amor! Oh! isto é muito!... eu não quero assim morrer vagarosamente... sósinha,

n'aquelle quarto, com a minha vergonha e os remorsos...

Luiz

Que queres tu, Ignez? Habitua-te ao meu genio, e verás que és feliz, como muitas outras, nas tuas circumstancias, desejariam sêl-o. Desejas sahir? sahiremos, e, quando os meus negocios me privarem de te acompanhar, sahirás com o criado. Liberdade reciproca, sem ultrapassar os limites do honesto, é a minha maxima n'este genero de convenção que liga duas pessoas, de modo que as cadeias não sejam pesadas. Se queres os carinhos d'outro tempo, dir-te-hei que não sou hypocrita, nem quero que me agradeças meiguices impostoras. O meu genio é este. Sou uma organisação defeituosa, ou perfeita de mais: como quizerem. O grande caso é que me não contrarío, nem me reformo, porque não sei onde se refundem os homens, que sahiram defeituosos das mãos da natureza...

D. Ignez

Eras muito verdadeiro quando, ha dous mezes, me promettias uma eterna felicidade ao teu lado, como amante, e mais tarde como esposa?

Luiz

Mas, minha amiga, ainda estamos dentro d'essa eternidade que te marquei. Por ora, não faltei á minha palavra.

D. Ignez

Que zombaria!

Luiz

Valha-nos Deus... não nos comprehendemos...

D. Ignez

Eu comprehendo, Luiz... Abandonada, não é assim?

Luiz

Por minha vontade, não. Amo-te...

D. Ignez

Amas-me?!

Luiz

Como te amei sempre; e oxalá que eu podesse inspirar-te inteira confiança n'este amor, para...

D. Ignez

Diz, diz...

Luiz

Para que tu voluntariamente annuisses a um plano de que podemos tirar resultados... para...

D. Ignez

Para que?!

Luiz

Para se realisarem mui depressa os meus desejos e os teus.

D. Ignez

Que é?

Luiz

Eu preciso reconciliar-me com a minha familia, indisposta hoje commigo por tua causa... Sem reconciliar-me não posso alcançar uma posição social que nos dê uma subsistencia magnifica e deslumbrante como eu quero dar-t'a, minha Ignez. E, para pacificar

a guerra que minha familia me faz, é necessario convencel-os astuciosamente de que não caso comtigo. Ora, para que elles se convençam, convém que tornes á companhia...

D. Ignez

Arrebatada

De minha mãe?! nunca! antes morrer... cala-te, por quem és .. Vae, deixa-me que eu preciso desabafar esta afflicção nas lagrimas... És um homem feroz, Luiz!...

Luiz

Tomando o chapéo

E tu és uma pomba de mansidão, Ignez... Até mais vêr... *(Sahe.)*

SCENA VI

D. Ignez, e depois D. Maria

D. Ignez

Seguindo Luiz

Escuta... escuta, Luiz! (*Segue-o até á porta, e volta soluçando*). Como vós me castigaes, meu Deus! Eu não acreditava que o inferno é n'este mundo... É, é... Isto é que é ser punida!... Desprezada... abandonada!... Havia isto no mundo, e eu não tive quem m'o dissesse... Perdida... A paixão e a innocencia podem assim fazer desgraçada uma mulher!... Desprezada por este homem... é incrivel... Oh minha querida mãe, se me perdoasses... *(Ergue silenciosamente as mãos aos céos, e exclama depois com energia subita)*. É uma inspiração, não é meu Deus? Eu obedeço... *(Aproxima-se da escrevaninha com re-*

solução). Escrever a uma mãe quando se tem perdido tudo... Ha corações que nunca ensurdecem. (*Pega na penna*).

D. Maria
Com um jornal

Dá licença, minha senhora?

D. Ignez
Enchugando as lagrimas

Tem a bondade de entrar?

D. Maria

Seu marido já sahiu?

D. Ignez
Perturbada

Luiz?... sahiu.

D. Maria

Vinha fazer-lhe uma pergunta; mas póde ser que v. exc.ª saiba responder-me. É do Porto, não é?

D. Ignez

Sou sim, minha senhora.

D. Maria

Casualmente vejo n'este jornal uma noticia copiada d'um jornal do Porto. É um caso bem triste! Eu leio, e v. exc.ª poderá talvez esclarecer-me o que ha de escuro na noticia. (*lê*) «Haverá dous mezes que um sujeito de boa familia, mas de depravados costumes, natural do Porto, roubou a uma estremosa mãe a sua filha unica, o seu amparo, toda a sua riqueza n'este mundo onde o quinhão da amargura lhe tem sido abundante.

Praticado o rapto, sem poder encontrar-se o infame nem a sua quarta ou quinta victima, a infeliz mãe desappareceu. *(Viva commoção em Ignez.)* Pessoas affeiçoadas áquella digna senhora, diligenciaram encontral-a mas inutilmente. Alguem disse que a viu passar aos Carvalhos, estrada de Lisboa; não ha provas, porém, bastantes. E supposto que até hoje não tenham apparecido vestigios, é de crer que a desgraçada mãe se tenha suicidado...»

D. Ignez

Cuja commoção tem crescido desapercebida a D. Maria

Ah!... Jesus!... Jesus!...

Fica em lethargo por momentos; convulsiva depois, é transportada por D. Maria a um canapé.

D. Maria

O que fiz eu, meu Deus! *(Toca uma campainha)* Eu estou douda com similhante acontecimento! *(Toca de novo a campainha)*. Menina, não ouve? *(para o criado que chega)*. Vem aqui ajudar-me a suster esta senhora... Snr.ª D. Ignez... Que gelo! *(apalpando-lhe as mãos)*.

SCENA VII

Os mesmos, um criado, e Fernando Soares

No corredor

D. Maria

Snr. Soares, faz favor de entrar?

Fernando

Que é? está sem sentidos esta senhora? Que aspecto tão afflicto!

D. Maria

E' uma desgraça...

Fernando

Isto é habitual ou foi algum desgosto?

D. Maria

Uma surpreza, uma imprudencia minha...

Fernando

(*Tenteando-lhe o pulso*)

Penso que vae passar esta situação... Dar-se-hia um refluxo de sangue ao coração? Veja a velocidade das pulsações no seio...

D. Maria

Parece que salta...

Fernando

O peior é uma congestão... espere... as palpebras estremecem...

D. Maria

Eu preciso dizer tudo como se passou... Não posso com a responsabilidade da minha imprudencia... mas eu não podia prever similhante cousa...

Fernando

Falle, snr.ª D. Maria...

D. Maria

Queira lêr a noticia d'esse jornal que está no chão.

Fernando

Lendo e depois de uma abstração profunda

É esta a pessoa de quem aqui se falla?

D. Maria

Sim, senhor.

Fernando

O que a roubou é um homem que me foi apresentado ha pouco, chamado...

D. Maria

Luiz d'Abreu.

D. Ignez

Convulsiva

Que é ?

D. Maria

Menina... olhe... não me vê?... Isto não pode assim demorar-se... um medico... já... (*o creado sahe*). Que hei de eu fazer, senhor!?

Fernando

Que hei de eu aconselhar-lhe? É uma enfermidade que não obedece á pharmacia improvisada das consolações...Seria uma felicidade se chorasse: não conheço outro desafogo para estas angustias... (*reparando para o jornal*). Como se chama essa senhora?

D. Maria

Ignez.

Fernando

Em sobresalto repremido

Como? Ignez!?

D. Maria

É o nome que ella deu... Conhece-a?!

Fernando

Com attribulada reconcentração

Um favor importante, minha senhora. Queira deixar-me só com ella... É necessaria muita energia, e energia de homem para romper a escuridade que n'este momento cerra o coração d'esta pobre senhora. Eu sinto-me com vontade e força para fazer-lhe comprehender que me interesso por ella... V. exc.ª fia de mim esta senhora por alguns minutos?...

D. Maria

Eu... senhor... receio que esse homem entre...

Fernando

Não receie. Tomo sobre mim toda a responsabilidade do melindre... Conceitue-me como um homem de muita honra, snr.ª D. Maria... *(Ignez ergue-se)*. Tem a condescendencia de sahir?

D. Maria sahe. Fernando fecha a porta com a chave.

SCENA VIII
Fernando e D. Ignez

Fernando
Á parte

Horrivel experiencia! *(Para Ignez)*. Queira sentar-se, minha senhora.

D. Ignez

Quem é o senhor?

Fernando

Um homem, que, desde este momento, não póde ser-lhe indifferente. Eu tambem vi a noticia d'este jornal, e v. exc.ª ouviu lêr, sem reparar que se não dá nem ao menos como provavel o suicidio de sua mãe.

D. Ignez
Reanimada

Não?

Fernando

De certo não: diz-se apenas que sua mãe desappareceu. Pode ter desapparecido, procurando-a; póde a estas horas estar bem perto da filha que lhe foge; póde ter procurado esconder na obscuridade a sua vergonha. Tenho que fazer-lhe um serviço. Vou eu mesmo indagar o destino de sua mãe; empregarei para encontral-a quantos esforços empregaria um filho. Em menos de oito dias, v. exc.ª póde ter a certeza de que sua mãe vive...

D. Ignez
Com effusão
Bem haja, bem haja, meu bemfeitor; mas depressa, antes que eu morra...

Fernando
Preciso, porém esclarecimentos. Já sei que é do Porto: onde é que morava no Porto?

D. Ignez
Na rua do Rozario.

Fernando
Agitado
Desde quando?

D. Ignez
Desde que nasci.

Fernando
Suffocado
Como se chama sua mãe?

D. Ignez
Miquelina de Campos.

Fernando

Deixando cahir o jornal, e enxugando o suor na fronte
Miquelina... *(silencio)*

D. Ignez
Basta saber isto?

Fernando

Basta, basta saber isto... Quantos annos tem?

D. Ignez

Vinte e dous.

Fernando

Vinte e dous... *(á parte)* E se a demencia me surprehende!... Isto é morrer!... (*Ergue-se a beber agua d'um copo de sobre a mesa de jantar*).

D. Ignez

É possivel saber-se, senhor?

Fernando

Á parte

A ultima punhalada... *(alto)* Quem foi seu pai... este jornal não falla d'elle...

D. Ignez

Não conheci meu pai!

Fernando

Morreu?

D. Ignez

É um segredo de minha mãe... ainda que eu o soubesse não o descobriria.

Fernando

Com ira reprimida

Para não deshonral-a? É a sua deshonra não lhe importa que seja publica?

D. Ignez
Suspensa

Que diz, senhor?!

Fernando
Mudando de tom

Nada... E este homem prometteu-lhe ser seu marido?

D. Ignez

Não respondo a similhantes perguntas feitas por um estranho... não sou obrigada.

Fernando

É

D. Ignez

Como?

Fernando

Desculpe-me, minha senhora... A compaixão, que me está inspirando, faz-me sahir dos limites d'um mero estranho que lhe quer ser util... Desculpe-me até por estes cabellos brancos... V. exc.ª ama este homem?

D. Ignez

Amo!... pois não tenho eu dado uma prova bem segura de que o amo?!

Fernando

É amada?

D. Ignez

Que perguntas, meu Deus!... Martyrisa-me, senhor... Eu não quero as suas consolações.

Fernando
Colerico

É amada por elle?

D. Ignez

O senhor atterra-me!...

Fernando

Ainda não sentiu bem dentro o terror da sua situação. Ignez é uma mulher perdida!

D. Ignez

Senhor!...

Fernando

Está a cahir desamparada na extrema miseria...

D. Ignez

Oh! cale-se, por quem é!

Fernando

Matou sua mãe, e vai cada dia salpicar-lhe de lama a sepultura. Essa mascara de falsa vergonha que ainda hoje sustenta ha-de cahir-lhe ámanhã, e depois, Ignez, hão-de apontal-a ao dedo... é a devassa... a matricida, que vai passando...

D. Ignez

É horrivel, meu Deus, é horrivel!... Ó senhor... pelas chagas de Christo!... *(ajoelha). Batem com estrondo na porta.*

Luiz
Fóra

Abre, Ignez!

D. Ignez
Erguendo-se

É elle...

Fernando
Retendo-a

Elle... quem? (*sorrindo*).

D. Ignez

Deixe-me, que é Luiz... (*A porta é arrombada por um impuchão*).

SCENA IX

os mesmos, e Luiz d'Abreu

Luiz
Serenamente, fumando

Quadro interessantissimo!... Não se assustem por quem são... Eu vi Desdemona ajoelhada aos pés do mouro; mas troco por um calix de vinho a situação d'Otello. (*Bebe*).

D. Ignez

Luiz... que julgas tu?... diz-m'o por misericordia...

Luiz

Eu não julgo nada que não seja d'este patusco planeta, chamado terra. Esteja a *son aise*, snr... snr... snr... já me esqueceu a sua graça... snr. brazileiro. Eu sou o homem mais cordato, a alma mais ingenua

que vive na crusta do globo. Não ha maroteira que me espante... Nada de susto.

Fernando
Sorrindo
Eu não estou assustado, senhor.

Luiz
Ainda bem... Recolha-se ao seu quarto, menina, ou antes ao seu camarim; nobre senhora Maria de Rohan de contrabando... Então? hesita? Eu ja não mando aqui?

D. Ignez
Oh Luiz... é barbaro matar assim uma mulher que te pede de joelhos que a escutes... Estou innocente.

Luiz
Eu abomino a caricatura... Recolha-se que eu tenho de fallar com este cavalheiro...

D. Ignez
Não, não me erguerei dos teus pés, sem que...

Fernando
Imperioso
Levante-se, mulher! (*Ella ergue-se e retira-se*).

Luiz
Isso é que é intimativa, cavalheiro... E o caso é que ella obedeceu!... O negocio está mais adiantado do que eu suppunha... Ora... sente-se aqui, meu caro patricio. O senhor pelo que vejo, crê que a pro-

priedade é um roubo... Communismo! viva o communismo! eu tambem sou da eschola illustrada... Parece-me que v. s.ª não está tranquillo!...

Fernando

O mais que se póde estar... não obstante recommendo á sua bondade a economia possivel de palavras.

Luiz

Eu tambem gosto do laconismo. O senhor deve saber que esta mulher não é minha mulher, nem é crivel que venha a sêl-o. Se o fosse, ou tivesse de o ser, v. s.ª a estas horas tinha passado á eternidade, com a sua reputação de millionario, e tres balas na cabeça.

Fernando

Rindo

O senhor é interessantemente comico... Tres balas!...

Luiz

Ri-se? pois valeu!... levemos isto a rir. A grande questão é: gosta da rapariga?

Fernando

Quer trespassar-m'a?

Luiz

De mão beijada e dizima a Deus. Está incommodado? *(Fernando ergue-se convulsivamente).*

Fernando

São nervos... é uma molestia que me ataca na Europa... Eu acceito o trespasse.

Luiz

Falla sériamente?

Fernando

Muito sériamente... Por quanto vende o senhor a mulher?

Luiz

Por quanto vendo? Eu não vendo...

Fernando

Então eu não acceito.

Luíz

Ah! já entendo... O senhor não quer perder os habitos do Brazil...

Fernando

Tenho escrupulos em tal contracto se elle não fôr bilateral. V. s.ª ha de acceitar-me uma indemnisação qualquer...

Luiz

O senhor é um grande exquisito.

Fernando

Eu saberei indemnisal-o do modo mais delicado; mas v. s.ª não ha de recusar uma gratificação pela cedencia que me faz. O segredo morre entre nós tres; e a minha consciencia, que realmente é celebre, fica tranquilla. Quer?

Luiz

Entrego-me á discrição.

Fernando

Que tenciona o senhor fazer para deixar-me livre o terreno?

*

Luiz

Amanhã deixo Lisboa.

Fernando

E ella fica n'este hotel?...

Luiz

Bem claro... deixo-lhe carta de alforria...

Fernando

Sorrindo

De alforria, justamente... é essa a palavra juridica... e depois...

Luiz

Como v. s.ª se entende perfeitamente com ella, cá fica... *(Tropel, e vozes).*

SCENA X

Os mesmos, D. Miquelina, D. Maria, e depois D. gnez

D. Maria

Menina, menina, aqui está sua mãe!

D. Miquelina

Espavorida, erguendo o véo preto

Minha filha, minha filha! *(Terrivel commoção em Fernando, que volta a face da luz)* onde está ella? *(vendo Luiz)* senhor Abreu, onde está minha filha?

D. Ignez
Delirante
Aqui, aqui estou, minha mãe *(abraçam-se)*.

Fernando
Á parte a Luiz
É melhor sahirmos.

Luiz
Diz bem.

Fernando
Para o meu quarto *(Sahem)*.

SCENA XI

D. Ignez, D. Miquelina e D. Maria

D. Miquelina
Eu não venho amaldiçoar-te, filha...

D. Ignez
Não venha, não venha, minha mãe... A maldição... a sua maldição sobre tal desgraçada não agradaria a Deus... Poupe-me a essa tortura... que eu conheço todas as outras... Tenho o coração despedaçado... Abençoe-me, já que resuscitou para mim... abençoe-me que eu estou nas agonias da morte....

D. Miquelina
Não estás, meu anjo... quero que vivas... Deus não quer a tua morte e a minha... tua mãe precisa de ti... Havemos acostumar-nos á vergonha, se não

ha nada que salve d'ella... Viveremos, viveremos sem escandelisar ninguem com a nossa presença... *(D. Maria retira-se).*

D. Ignez

Mãe, não posso...

D. Miquelina

Ignez... eu não te tirei nada do amor que te tinha... Ninguem sabe ser desgraçada, e ser mãe como eu sou... Ignez vive para meu amparo...

D. Ignez

Ai! é impossivel!... Eu quando fugi dos seus braços já sabia que não podia tornar a elles senão cadaver. Abrace o cadaver de sua filha, minha mãe...

D. Miquelina

Não posso nada sobre o teu coração infeliz?

D. Ignez

Póde muito...Porque não veio uma hora antes?... Se morrer assim, morro perdoando... Póde morrer-se santa com o crime escripto na face... O mundo não sabe o que se tem passado na minha alma... Eu tenho chorado por mim e por todas as infelizes nas minhas circumstancias... Não ha ultraje que eu não tenha conhecido... Fez hontem dous mezes que a deixei, mãe, minha santa mãe... Que dous mezes!... Sentir ao pé de mim arrefecer minuto a minuto o coração do homem que amei, que amo, sem poder ver-lhe os defeitos... Elle a ferir-me com toda a sorte de desprezos, e eu... a cicatrizar com lagrimas, choradas no coração, na alma, no amor proprio... Invocar

a compaixão surda do ceu, e as esperanças a morrerem...

D. Miquelina

Chora, chora, minha filha.

D. Ignez

Um dia era terrivel, mas o dia seguinte era peor... Hontem longas horas de silencio, hoje uma ironia, ámanhã um escarneo... Um encadeamento de crueldades novas para mim... Eu não pensei que se tinha alma para tanto... Se choro, consolam-me com uma zombaria; se mostro um sorriso de paciencia, chamam-me alma de lama... Aqui tem a minha vida com este homem... ha dous mezes...

D. Miquelina

Alma, minha querida martyr... abandona-te a mim... Eu já chorei assim, comtigo nos braços, creancinha d'um anno... Mataram-me ha vinte annos, e um milagre conservou-me de pé, ao teu lado, porque eu não podia fechar sobre mim uma sepultura, e deixar-te sósinha na terra... Paga-me esta divida... não me deixes no fim da vida, porque eu te amparei no principio da tua... vence a paixão e a vergonha com tua mãe no coração.

D. Ignez

Não posso, não posso... é um segredo... ha de ouvir-m'o logo... e depois um confessor...

D. Miquelina

Oh minha filha... tu aterras-me com o maior dos crimes... Envenenaste-te? responde!...

SCENA XII

As mesmas, e Fernando Soares

Embuçado

Fernando

Parando ao pé do grupo

Eis aqui uma mãe digna de tal filha.

D. Miquelina

Aterrada

Que voz é esta?

Fernando

Quer muito a essa filha?

D. Miquelina

Se lhe quero!...

Fernando

Perdoou-lhe?

D. Miquelina

Virgem santissima!... isto é um delyrio!...

Fernando

Perdoou-lhe?

D. Miquelina

Perdoei...

Fernando

Não sente na presença d'ella a vergonha escaldar-lhe o rosto?

D. Ignez

Que homem é este, minha mãe?!

Fernando

Está justificada a deshonra da filha... vê-se que a desgraçada teve toda a liberdade para ser o que é...

D. Miquelina

Que posso eu fazer?

Fernando

Se não tem um braço capaz de cravar um punhal no algoz de sua filha, entregue-o ao carrasco...

D. Miquelina

Mas ella ama-o!

D. Ignez

Sim... sim...

D. Miquelina

E eu queria que elle fosse seu marido...

Fernando

Rindo

Seu marido!... não quero!...

D. Miquelina

Agora, sim, comprehendi tudo... *(com o rosto escondido entre as mãos).*

D. Ignez

Que é, minha mãe?... diga, diga...

D. Miquelina

Apontando, sem encaral-o

Este homem... este homem é...

Fernando

Interpondo-se com a face sómente visivel a D. Miquelina

Quem póde ser este homem, senhora? *(Miquelina solta um grito, e Fernando, pondo o dedo nos labios, obriga-a a calar-se).*

D. Miquelina

Justiça de Deus!...

Vae cahir perturbada sobre uma cadeira. D. Ignez quer soccorrer a mãe. Fernando colloca-se entre ambas, e aponta-lhe imperiosamente o quarto. Ignez vae como arrastada por uma força invencivel.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO

O mesmo scenario do primeiro acto, excepto o apparato do jantar. É noite: a scena está apenas allumiada por uma vela.

SCENA I

D. Maria e o medico

D. Maria

Apontando o quarto de Ignez

É este o quarto, snr. doutor.

Medico

A que horas suppõe a senhora que ella se envenenou?

D. Maria

Hoje ás nove horas, pouco mais ou menos. Tem tido agonias, suores frios, mas não quer deitar-se; conserva-se a pé, e parece que tem intervallos de descanço. *(Vê-se no corredor Fernando Soares)*.

Medico

Observando o relogio

É meia noite... Apparece algum vidro ou boceta suspeita de veneno?

D. Maria

Tomando-a de sobre a meza

Esta bocetinha, com um resto de pó...

Medico

Examinando

Tomou arsenico, mas a dóse foi pequena... Vamos.

(Entra com D. Maria.)

SCENA II

Fernando Soares

Escuta á porta da camara d'Ignez, e vai sentar-se no mais sombrio da salla.

Fernando

É esta a minha corôa de gloria depois de vinte annos de lucta!... Não cuidei que tinha alma para estes espinhos... Decepção tristissima para um homem, que vem á patria, envelhecido no trabalho, tragando além todas as affrontas, abafando até os brados da consciencia... matando todos os sentimentos bons do coração, para salvar um só... a esperança de uma filha... uma amiga no fim da vida... um premio a tribulações de vinte annos... Encontro a ignominia, e a ignominia que se não rehabilita com dous milhões. A impotencia do dinheiro!... Travei um duello com os revezes... cuidei que o ouro era uma arma invencivel... quebrou-m'a nas mãos a desgraça... Que terrivel combate de pensamentos n'esta cabeça!... Não se indoudece de afflicção e vergonha!... Ainda não tive uma verdadeira resolução de

matar este homem... E que homem!... Como elle dorme tranquillamente sobre o meu leito!... Ha espantosas organisações!... *(Sorri.)* Que importa? nada o salvará... Alguma vez heide triumphar d'esta zombaria infernal que me escarnece.

SCENA III

D. Miquelina

Vindo de fóra, com um creado do hotel, e depois Maria.

D. Miquelina

Para o creado

Muito agradecida... *(o creado sáe).*

D. Maria

Sahindo do quarto de Ignez

Já de volta, minha senhora? Que passou?

D. Miquelina

Com a carta do snr. Fernando Soares fui logo recebida pelo governador civil. Tratou-me muito bem... Deu ordens immediatamente. Eu queria agradecer ao cavalheiro, seu hospede, este serviço.

D. Maria

Elle apparecerá. O medico está lá dentro... vou mandar já já á botica... entre, entre... *(Sahe).*

SCENA IV

D. Miquelina e Fernando Soares

D. Miquelina encosta-se a um tremó, como reanimando se antes de entrar.

D. Miquelina

Sem ver Fernando

Tornarei eu a vêl-o, meu Deus?! Seria elle!...

Fernando

Meia voz

Senhora D. Miquelina.

D. Miquelina

Espávorida

Quê!...

Fernando

É d'este lado que a chamam... A hora é a dos phantasmas; mas tudo aqui é natural como a desgraça, e sensivel como a dôr das chagas que nunca fecham.

D. Miquelina

Indo na direcção da voz

Carlos!...

Fernando

Erguendo-se

Carlos, não. Esse homem está morto no coração d'este outro que aqui vê... *(ella ajoelha.)* Que é isso? Nem na mulher, que se amou, póde tolerar-se uma posição humilhada... De pé, com a fronte bem altiva, e o coração bem soberbo d'aquelle nobre orgulho de pai.

D. Miquelina

Sem erguer-se

Eu tenho direito á tua commiseração, Carlos... Eu não me engano... é impossivel que não sejas... Tu não vens matar-me, não?...

Fernando

Levantando-a

Matal-a! Quem lhe disse, senhora, que eu venho, sequer, inflingir-lhe um castigo que as suas lagrimas pretendem suavisar? Eu não a accuso... nem isso!.. Peço-lhe só conta da minha filha... É aquella mulher deshonrada, que alli está dentro?

D. Miquelina

Não poderei eu morrer n'este momento, meu Deus?!

Fernando

Não póde, porque todos temos um destino a cumprir... A Providencia não derroga as suas leis. Falta-lhe alguma cousa n'este mundo, senhora... Pois eu porque vivo ainda? Toquei a margem de todos os abysmos, e fiquei em pé. Não era bem natural que eu tivesse cahido? O meu abysmo era aqui... Um homem foi, o outro é hoje... O homem das alegrias, das esperanças passou; e o simulacro de homem, com cada fibra apertada n'uma tortura, ficou... É certo que o mau anjo venceu o bom; sinto o desconforto do céo; mas para alguma cousa o demonio me conserva. Só assim se explica a minha existencia aos quarenta annos... Não se vencem, sem predestinação, as angustias que eu pizei debaixo do pé triumphante. Trabalhei vinte e dous annos para chegar a isto... *(com*

ironia). Abençoado trabalho!... Ora pois... é esta Ignez uma creancinha, que eu lhe deixei nos braços ha vinte annos? Diga, diga, que eu estou sentindo em mim o homem do passado....

D. Miquelina
Soluçando

É.

Fernando

Nunca lhe fallou em seu pai?

D. Miquelina

Não... julgava-te morto...

Fernando

Julgou bem... Podéra ter-lhe dito: «teu pai, filha, foi uma boa alma que eu amei muito. Eu era filha d'um fidalgo, muito fidalgo, muito pobre, e muito deshonrado para manter o emprestado luxo da sua posição. Elle era um simples escripturario d'um cartorio; mas sem uma nodoa que reflectisse deshonra na memoria de seus avós plebeus. Disse-lhe que me tirasse de casa, quando a tua existencia, filha, vinha dar testimunho d'um grande amor e d'um grande crime.... Eu sahi sem uma joia que valesse dez reis. O amanuense trabalhava dia e noite para alimentar-me. Adorava-me, obedeceu-me. Meu pai descobriu o raptor, que pôde salvar-se. A elle persegui-o em toda a parte, e a mim fechou-me n'um quarto sem luz nem ar. Teu pai, fugitivo, teve sede, e frio, e fome; mas as esperanças aqueciam-no, e alimentavam-no. O desgraçado parece que tinha orgulho de soffrer por mim. Nunca teve um instante de arrependimento! Meu pai empregou a branda persuasão para dissuadir-me de tão monstruoso amor. Disse-me

que era menos ignominioso ficar solteira e mãe que ser casada com um amanuense de tabellião. Os fidalgos meus parentes rodearam-me, e... convenceram-me. Acreditei-os... julguei-me infamada, vacillei, arrependi-me, e reneguei uma paixão indiscreta. Quizeram que eu te lançasse dos meus braços, filha do plebeu, vergonha de meus avós; mas não pude tanto. Fui eu, senão expulsa, encerrada em uma obscura casa, recebendo alimentos que meu fidalgo pai me arremessava com desprezo... Teu pai era ainda perseguido... Uma noite vi-o ao pé de mim... foi a primeira e ultima vez que te viu... tinha-te nos meus braços, creancinha de trez mezes... «Foge comigo—disse-me elle... — dirás a bordo do navio que és mulher do marujo Fernando!...» não fujo... — respondi-lhe eu —«meu pai amaldiçoa-me, e eu temo as penas do inferno. Teu pai sahiu... e depois...»

Fez bem não contar isto a sua filha... Não ha mãe que se ennobreça com similhante historia. Ha fragilidades que honram uma mulher; mas não são estas... O conto assim não é edificante nem pela virtude, nem pelo heroismo da paixão... D. Miquelina temeu então as penas do inferno... hypocrisia... penas do inferno são estas, não lhe parece?

D. Miquelina

São... são... Ó Carlos, porque me não perdoas?

Fernando

Pois eu condemno-a?!

D. Miqnelina

Ajuda-me a salvar nossa filha!...

Fernando

Como é que se salvam estas mulheres?... Não devo ouvil-a mais, senhora... ouço passos... Absoluto silencio a meu respeito... Entre no quarto de sua filha... Vá vêl-a morrer... *(D. Miquelina entra no quarto d'Ignez).*

SCENA V

Fernando, e depois um criado

Fernando

Como esta mulher foi bella!... Passaram só vinte annos... O que terá ído n'aquelle coração para que a face envelhecesse assim!... Vinte annos!... Chora-se, quando se vê assim a mulher que se viu vaidosa da sua formosura, cercada de tudo que adoça a existencia, e não deixa assaltal-a o pensamento da velhice desgraçada... Esta é que é uma Miquelina quo eu amei!... A vida!... A vida!...

Creado

O snr. Luiz d'Abreu disse-me agora que fizesse sahir as mallas d'elle, sem que se désse fé; minha ama não quer que eu faça nada sem dar parte a v. s.ª e como o vi entrar para aqui...

Fernando

Vai dizer ao snr. Luiz d'Abreu que entre n'esta sala que eu estou aqui. *(O criado sahe)* Aproxima-se um terrivel momento!... Que diliciosa existencia esta!... Quem invejará os milhões d'este homem!...

SCENA VI
Fernando e D. Maria

D. Maria
Pois estava aqui? Sabe as ordens do malvado?

Fernando
Sei.

D. Maria
D. Miquelina fallou com o governador civil...

Fernando
Sei tudo.

D. Maria
Entrou no quarto da menina?... Sabe como ella está?

Fernando
Não sei...

D. Maria entra, levando um vidro de remedio, ao quarto d'Ignez.

SCENA VII
Fernando Soares, e Luiz d'Abreu

Fernando
Ainda só

Quem poderá comprehender estas agonias? Muito forte é o homem, até desamparado da providencia!...

Luiz

Fumando, e espreguiçando-se

Estas trevas são romanticas... Parece que desci á região das sombras... Sabe o senhor que acordei com um pessimo sabor na bocca! Sinto uma desagradavel preoccupação no estomago...

Fernando

Sorrindo

É admiravel a fortaleza do seu espirito! Converte as tragedias em farças admiravelmente!

Luiz

Pois a vida sem isto póde lá soffrer-se!... Que me diz o senhor de novo? A mãe de Ignez adormeceu, ou tem feito bravuras? Naturalmente está lá dentro com a dona da casa... Sabe que mais? palpita-me que não vae por diante a nossa convenção...

Fernando

Porque?

Luiz

A pequena cá pelos meus calculos, vae para o Porto com a mãe, e o meu amigo segue-a, e espreita occasião propicia para a tomar d'assalto... E acho que faz bem...

Fernando

Risonho

Linguagem technica com que v. s.ª trata estas materias! Affigura-se-me um homem prodigioso o snr. Abreu! A minha vontade era estudar-lhe o interior da cabeça.

Luiz

Achava uma cabeça perfeitamente organisada, segundo correm os tempos.

Fernando

E o coração?

Luiz

O coração é um musculo ôco, dizem os anatomicos.

Fernando

Solemne

Oco não... o seu está cheio... é o repositorio de todas as fezes, a machina onde se trabalham primores d'arte de perversidade, de infamia, de... (*mudança de tom*) Desculpe o vocabulo que é forte, meu respeitavel senhor... (*toca-lhe no hombro*)

Luiz

Rindo

Palavra d'honra... pensei que o snr. ia formalisar-se!... Teria muita graça a sua austeridade, á ultima hora!...

Fernando

A' ultima hora... diz muito bem... Queira dizer-me, snr. Abreu: esta aventura de certo não é a primeira que desfructa?... Antes d'esta rapariga, algumas outras devem ter deixado um rasto de lagrimas para a ultima que se segue...

Luiz

V. s.ª está sentimental!

Fernando

Não, senhor: é que fallo sempre assim em linguagem de romance.

Luiz

Á Paulo de Kock, não?... Isso é da tragedia em cinco actos... linguagem de *centro*...

Fernando

Ora responda serio, cavalheiro: teem sido muitas as conquistas?

Luiz

Com fatuidade

Algumas... Tenho matizado a vida o melhor que pude; mas hoje sinto-mo um pouco abatido, e voto de preferencia por as delicias do estomago... Fiz o que poucos fazem.

Fernando

E não tem encontrado nunca um florete, uma bala, um punhal...

Luiz

Nem receio d'isso. A sociedade está sufficientemente corrompida para me não chamar a contos de moralidade. A virtude é contrabando entre nós. Se nos agarram com ella, perde o tempo, e os lucros. A corrupção mata a energia dos brios, e recebe todas as immoralidades como factos consummados. Quem podér, gose... «Os mortos vão depressa» diz a balada; mas os vivos não vão muito de vagar. Eu penso assim, e tenho cá as minhas razões... *Je suis l'enfant de mon siècle*... Os francezes é que sabem viver... Aqui é necessario educar esta sociedade...

Fernando

Sim!? não cuidei que viviamos no goso de uma liberdade tão plena de ensinar... Por isso v. s.ª estranhou, sorrindo, a minha austeridade á ultima hora... Quem cá vier ensinar a doutrina da honra, deve de ser bem ridiculo!... Mas... quem sabe se o snr. Abreu vive enganado com a sociedade!... Póde ser que v. s.ª tenha tido a ventura de encontrar as excepções... É impossivel que a regra seja o que o senhor julga... Eu sou um fragil membro d'esta sociedade, tenho sentido o contacto de todas as pustulas, e não me sinto tão grangrenado! Posso até affiançar-lhe que, na posição desgraçada do pae d'essa mulher que ahi está dentro em agonias... v. s.ª a estas horas — deixe-me parodiar a sua phrase de ha pouco — tinha passado á eternidade, com a sua reputação asquerosa, e pelo menos uma balla na cabeça...

Luiz

Essas excellentes theorias variam muito na pratica. É o inconveniente de todos os systemas philosophicos. Um homem não se mata como quem mata um javalí: é uma cousa muito séria matar um homem acordado... Mas, deixemo-nos de hypotheses funebres, meu estimavel cavalheiro. Não estabeleçamos dialectica de moral, visto que não ha auditorio. Eu entendo que o mais logico na minha situação é retirar-me. Receio algum passageiro incommodo que possa dar-me a justiça, movida pela mãe de Ignez.

Fernando

Quer retirar-se já?

Luiz

Á cautella... Uma boa retirada vale uma feliz batalha... É cá um dos aphorismos da minha estrategia... Cada especie tem o seu Napoleão.

Fernando

Então vamos saldar contas.

Luiz

Contas?! Eu não lhe devo nada...

Fernando

Eu é que sou o devedor, o devedor honrado, meu amavel senhor. Pois não ficamos em v. s.ª acceitar-me uma gratificação pela cedencia?

Luiz

Deixemo-nos de celebreiras, meu amigo... (*Vae retirar-se: Fernando retem-o*).

Fernando

Toca uma campainha

Queira esperar.

Luiz

Á parte

Que quer dizer isto? Teremos asneira?...

SCENA VIII

Os mesmos, e D. Maria

Fernando

A D. Maria

A senhora D. Ignez que entre n'esta sala.

D. Maria

Está-se esperando o effeito do remedio... Está soffrendo muito..: é impossivel vir por seu pé.

Fernando

Que entre n'esta sala, e só. *(D. Maria entra no quarto).*

Luiz

Que quer o senhor fazer? A que vem Ignez aqui? O senhor não responde?! eu retiro-me...

Fernando

Voltando de fechar a porta

Eu não fecho a porta com medo que o senhor se retire... é que não quero que nos ouçam. Pois v. s.ª não quer vêr os effeitos do veneno na face d'essa mulher que ahi vem!? É um estudo curioso...

Luiz

Mas o que quer dizer isto?!

Fernando

Quer dizer que o snr. Luiz d'Abreu não tem da sociedade em que vive um conhecimento perfeito... Esta sua ultima immoralidade *não foi ainda recebida como facto consummado.*

SCENA IX

Os mesmos. e D. Ignez

D. Ignez, desfigurada, exprimindo sempre grande agonia; Fernando indica-lhe um canapé, e ella senta-se.

D. Ignez

Minha mãe não veiu?! porque não está aqui minha mãe?! Ella disse que vinha commigo...

Fernando

Não está aqui, porque nem tudo se póde dizer deante de sua mãe...

D. Ignez

Póde... não tenho segredo nem desgraça que ella não conheça... Quero aqui minha mãe...

Fernando

Para que?! não lhe basta o amparo d'este cavalheiro por quem trocou sua mãe?... Onde está o homem que se ama, estão resumidas todas as necessidades d'uma mulher estremosa...

D. Ignez

Pois eu vim aqui para me escarnecerem?!... Deixem-me morrer... dêem-me um confessor que quero salvar a minha alma... A zombaria commigo é uma crueldade que eu não mereço a ninguem, e muito menos a ti, Luiz... (*estendendo-lhe a mão*) Adeus... Depois de tantas amarguras, de tantos aviltamentos... perdoo-te... *Ergue-se com transporte para tomar a mão de Luiz, que não ousa fixal-a, e Fernando obri-*

ga-a a affastar-se com impeto colerico, e muda logo para o sorriso.)

Fernando

Pois tem a suspeita de que foi muito aviltada, menina? Reanime-se que vai ser feliz: eu vou cicatrizar as feridas rasgadas pelo snr. Luiz d'Abreu. Este cavalheiro acaba de fazer-me uma cedencia amigavel.

Luiz
Colerico

Senhor!

D. Ignez

Que ouvi, meu Deus! Uma?

Fernando
Tranquillo

Eu menti, snr. Abreu? Essa irritação é incoherente com o seu caracter franco... Nada de biôcos de honra sobreposse. O segredo é de três.

Luiz
Cerrando os punhos em ameaça

Isto é uma covarde traição!

Fernando
Severamente

Não é traição: é que sou muito acautelado nos meus contractos. Para provar-lhe que não falto á menor condição estipulada, e para que a minha consciencia fique pura de escrupulos, vou dar-lhe a gratificação promettida. *(Abreu recua alguns passos. Fernando atira-lhe á face uma bolsa.)*

D. Ignez
Erguendo-se em fuga

Minha mãi, minha mãi!...

Luiz d'Abreu tira um punhal e accommete-o; Soares uma pistola, sem recuar; Abreu pára, e contemplam-se silenciosamente.

SCENA X

Os mesmos, D. Miquelina, D. Maria e o Medico

D. Miquelina
Sahindo do quarto

Filha, filha, que é?

D. Ignez
Com a face escondida no seio da mãi

Morro!... ouvi uma cousa horrivel!... Desfaz-se-me o coração... Agora sim... mataram-me!...

Fernando
Para Abreu

Até que emfim encontrou um estorvo... A perversidade não lhe inspira nada? Tudo isto lhe parece um sonho desagradavel... e nada mais? Acorde, e possua-se bem da magestade d'esta scena. Um conquistador da sua força deve ter espectaculos d'estes para contar. Feitos taes são os que fazem a reputação d'um elegante... Dar-se-ha caso que o senhor esteja gosando voluptuosamente aquelle quadro?! *(aponta o grupo de mãi e filha.)* Olhe... é uma mãi penitente abraçando uma filha deshonrada... Aquillo é triste...

Chora o coração... São pobres. Aquella filha tem de mercadejar a subsistencia de sua mãi... A caridade publica promette recebel-as a ambas n'um hospital. Quer v. s.ª por grande misericordia lançar uma moeda de cobre no regaço d'aquella mulher? Barato lhe fica tamanho triumpho! *(obrigando-o a encaral-as)*. Porque não ha-de vel-as, senhor? São a sua obra... Reveja-se bem n'aquelles tropheus... Vá agora cuspir na face de ambas... *(com terrivel reconcentração.)* Aqui tem o senhor um braço cuja energia a corrupção não enfraqueceu... Posso até asseverar-lhe que o catalogo das suas victimas acaba alli.

Luiz

Comprehendo que o senhor é um assassino, e assassino por gosto... Ameaça-me com a morte, sem algum titulo nobre que possa desculpar esse procedimento.

Fernando

Quasi ao ouvido

Tenho a franqueza de querer justificar-me aos seus olhos, infame... O senhor sabe o que é ser assassino mas não sabe o que é... o que é... ser pai...

Luiz

Assombrado

Seu pai!...

D. Ignez

Que disse elle!

D. Miquelina

Sim, sim, teu pai! de joelhos... de joelhos, minha filha!...

D. Ignez
Como arrastada

Não é possivel... estou passando pelo delirio de uma febre... é o veneno...

D. Miquelina

Não, Ignez... é teu pai... ajoelha comigo...

Fernando
Severamente

Afastem-se...

D. Ignez

Que eu não morra sem o seu perdão... Estou envenenada... pouco posso viver... Não me amaldiçoe!...

D. Miquelina

Carlos! tua filha que se ajoelha... escuta-nos... Ella morre sem ter ouvido de seu pai uma palavra de amor.

Fernando
Muito compungido

E eu sem ter merecido ao genero humano uma lagrima de compaixão...

D. Miquelina

Salva-nos a ambas... salva-nos, Carlos.

D. Ignez
Muito angustiada

Que nos deixe ao menos morrer abraçadas, abençoando o seu nome.

Medico

Fui chamado para curar esta senhora d'um envenenamento, e como medico declaro que esta situação não póde demorar-se. Ou vêl-a morrer aqui, ou tentar o ultimo esforço para salval-a.

Fernando

Ergnendo com ternura sua filha

Vai... filha, vai... Se morres, ou vives, não poderei salvar a tua reputação... mas vingar-te-hei, vingar-nos-hemos... Doutor... salve-m'a...

(D. Ignez é transportada ao quarto, nos braços do medico e da mãi. D. Maria sáe pela porta do fundo.)

SCENA XI

Fernando Soares e Luiz d'Abreu

Fernando

Cruzando os braços defronte de Luiz

O senhor é um homem a quem não póde propôr-se um duello. Entre dous homens que se batem é preciso que o pundonor tenha sido reciprocamente ultrajado.

Luiz

Eu não me recordo de o ter offendido ao senhor... Ainda assim... se me propõe um duello... entre cavalheiros... ha certas formalidades...

Fernando

Eu não lhe proponho um duello... Vergonha para mim se lhe désse gotta do meu sangue!... o que o

senhor quizer... É um capricho de assassino por prazer... que move a punil-o por ter atirado á desgraça uma fragil mulher que não póde travar armas comsigo... Eu sou o pai da sua victima, senhor! Tenho dito tudo.

Luiz

Eu não o conhecia como tal...

Fernando

Com serenidade

Quer dizer que uma senhora, sem pai conhecido, póde ser arrastada pelos cabellos dos braços de sua mãi aos da prostituição, e d'ahi ás agonias do veneno, e do veneno á sepultura... E o mau homem que *matisa* com infamias taes a sua existencia, não é obrigado a descobrir-se perante a sociedade que lhe pede contas da mulher sacrificada a uma paixão feroz... A serenidade com que eu discuto, senhor!... Bem vê que o estou estudando...

Luiz

Ha um meio prompto de rehabilitar sua filha.

Fernando

Qual?

Luiz

Não duvido casar com ella.

Fernando

Casar com ella!... O senhor póde por ventura rehabilitar mulher nenhuma!? Que pai lhe daria uma filha, homem tres vezes infame!? Offereceu-m'a ha pouco... cedeu-m'a com o contentamento d'um cigano que passa um pessimo cavallo... Miseravel!...

que tem ella agora que mais valha para ser mulher?...
(Tira, convulsivamente, uma pistola. Tropel no corredor, e luzes.

SCENA XII

Os mesmos e o Administrador do bairro, Escrivão, D. Maria e creados

Administrador
Lendo um officio

Qual dos senhores é Luiz d'Abreu, natural do Porto?

Luiz
Á parte

Estou salvo! *(alto)* Sou eu, senhor.

Administrador

Siga-me: eu sou o administrador d'este bairro, e prendo-o por ordens superiores.

Luiz

Promptamente. *(Quer seguil-o).*

Fernando

Esperem.

Administrador

Não soffre delongas a execução do mandado do governo civil. Este senhor tem de ser posto em custodia immediatamente.

Fernando

Esperem. *(Para o administrador)* O senhor sabe porque é preso este homem?

Administrador

Por um crime de rapto.

Luiz

Eu provarei que se não rapta uma mulher que nos segue muito por sua livre vontade. E de mais, eu estou prompto a casar com ella.

Fernando

Para a auctoridade

Diga-me: os infames d'esta ordem como são punidos em Portugal?

Luiz

Note, snr. administrador, que sou insultado vilmente por este homem... Estou debaixo da lei.

Fernando

Para o administrador

Responde-me, senhor?

Administrador

O crime de rapto tem pénas designadas no codigo penal, segundo as circumstancias.

Fernando

Poucas palavras a uma pergunta simples... Ha uma forca? Um pai, rico ou pobre, póde levar á forca o malvado que lhe atira aos pés o cadaver deshonrado de sua filha?

Administrador

Isso decide-se nos tribunaes, mediante um processo.

Fernando

É muito demorado esse processo?

Administrador

Tem os tramites da lei, testimunhas, depoimentos, provas, um juiz em fim.

Fernando

Que provas, senhor? O que são aqui as provas? Quem vem depôr ao tribunal contra este homem? É essa mulher que ahi está dentro agonisando?!

Administrador

Não sei... o preso é ámanha entregue ao crime, e seja-lhe v. s.ª parte.

Fernando

Engatilhando a pistola

Eu não sou parte, sou juiz.

(*Abreu é ferido no peito, e cahe sobre o canapé.*)

SCENA FINAL

D. Maria, e D. Miquelina, dentro.

Está salva! está salva!...

D. Miquelina

Attribulada

Oh Carlos! que fizeste?... nossa filha não morre!...

Fernando

Tranquillamente

Pois que viva! Não terá de córar deante d'esse infame... (*para o administrador*). O preso sou eu, senhor.

FIM.

THEATRO COMICO

PORTO — IMPRENSA PORTUGUEZA

THEATRO COMICO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

ENTRE A FLAUTA E A VIOLA

PORTO
VIUVA MORÉ — EDITORA
PRAÇA DE D. PEDRO
1871

ADVERTENCIA

Da parte musical da primeira comedia d'este livro se encarregou o distincto maestro Francisco de Sá Noronha, quando a comedia se escreveu com destino a ser representada em Lisboa. Sendo importantissimo para o bom exito theatral o subsidio da musica n'esta composição, e sobrevindo rasões que desviaram o nosso amigo Noronha de collaborar comnosco em tamanha futilidade, não pôde por isso a comedia ser submettida á opinião das platêas. Quem a lêr agora tem de benevolamente disfarçar o seu fastio de leitura de versos, feitos ou copiados das canções populares, para se cantarem.

Por via de regra, taes trovas são sempre asperas ou dissaboridas na declamação, mórmente as que formam o *Auto do nascimento do menino Jesus,* consoante elle se figura nas aldêas do Minho ainda hoje.

Com referencia á farça não temos que pedir desculpa. Seria desvanecimento irrisorio recearmos nós que a ponderosa e grave critica se descesse até coisa tão pequena.

A MORGADINHA DE VAL-D'AMORES

COMEDIA EM TRES ACTOS

FIGURAS

D. Joanna Cogominho de Encerrabodes, morgada de Val-d'Amores, filha de

Pantaleão Cogominho de Encerrabodes.

Frederico Arthur da Costa, Escrivão da Fazenda de Santo Thyrso.

Cosme Jordão, Deputado por Guimarães.

Macario Mendes, Boticario de Santo Thyrso.

João Lopes, Lacaio e confidente da Morgada.

Figuras do Auto dos Tres Reis Magos.

Creados, cantadeiras, camponezes, musicos e outros personagens.

Scenas da actualidade.

ACTO PRIMEIRO



Ao fundo, portão de quinta com sua enorme pedra de armas e ameias lateraes. O restante do palco figura uma alameda e estrada.

SCENA I

FREDERICO *(só)*

(Frederico é um homem entre 28 e 33 annos que traja quinzena e calças pretas apertadissimas em corpo de extrema magreza e aprumo. O chapéo é de fórma ingleza e alto para tornar mais aguçada a figura. A cabelleira bironniana em crespas ondulações. Bigodes encerados e picantes nas guias retezadas. A luneta d'um vidro sem aro obriga-o a caretear, abrindo a bocca de esguêlha quando fixa mais attentamente a morgada. Os seus movimentos, quando lhe fôr necessario fugir, hão de ter tal velocidade que simulem o rapido perpassar d'um duende. A agilidade da rotação do pescoço deve dar-lhe o que quer que seja de authomatico e fantasmagorico.)

A razão diz-me que eu estou em perigo de ser moído por estes selvagens do Minho; mas o coração, este intestino onde o amor e a coragem habitam, diz-me que não vacille. A rasão argu-

menta-me que eu, escrivão de fazenda no concelho de S. Thyrso, não devo arrojar as minhas desenfreadas ambições até á mão da morgadinha de Val-d'Amores; mas o coração, esta republica intima que me esbraveja no peito, impelle-me para ella, mandando-me lêr n'aquelle brazão *(apontando)* o epitaphio da fidalguia de raça, e o monumento levantado não ás tradições ineptas, mas á restauração da dignidade humana. Além d'isto, eu, homem de aspirações gigantes, eu, poeta de audaciosos raptos d'alma, eu, que junto á poesia elevada a poesia profunda, preciso de me arranjar. Sou escrivão de fazenda; mas esta posição não quadra aos meus instinctos. Ás vezes como que sinto escaldarem-se-me as arterias com sangue de principe, e me quer parecer que algum de meus avós foi mais ou menos illudido por alguma das minhas avós. Reconheço, como filho d'este seculo, que a democracia matou a nobreza mascarando-se ella de fidalga; assim é; porém, ao mesmo tempo, não sei que filtros me circulam no intimo peito, quando vejo esta morgada e lhe entrevejo na fronte o sangue azul das veias. Sobre tudo, o que mais me incita a querer-lhe com a adoração

dos Paulos e dos Romeus é a precisão que tenho de me arranjar.

Eu já manobrei por mares tempestuosos. Um dia consultei a minha vocação; e, como me sentisse um dos muitos desventurados que cáem n'este mundo sem vocação, fiz-me litterato. Os litteratos fazem-se a si proprios, por serem cousa que a Biblia não diz que o Creador fizesse nos sete dias de creação. Um sujeito olha para si como Deus para as trevas, e diz «*fiat lux*» faça-se o litterato; «*et lux facta est*», e o litterato fez-se. Eu prometto não dizer mais nada em latim, por que tambem não sei mais do que isto.

Feito litterato, escrevi como toda a gente que quer escrever. Preparava-me para coordenar uma Historia Universal em 25 volumes com 26 de supplemento, quando se me offereceu um logar de noticiarista n'um diario de Lisboa. A minha reputação estava quasi estabelecida, quando a empreza me despediu por semsaborão, como se fosse obrigatorio ser engraçado no paiz mais desgraçado do mundo. Voltei o meu espirito para a historia universal, e cheguei até a procurar n'um Almanak onde era a Torre do Tombo com tenção de lá ir consultar os perga-

minhos. N'este proposito estava eu, sentindo já os calores da gloria, quando me encarregaram de traduzir uma comedia franceza para o Gymnasio. Puz de parte a Historia Universal, e traduzi a comedia com um esmêro indigno do resultado, porque ella foi pateada visto que tinha, segundo disseram os criticos, uns gallicismos que lhe corrompiam a virgindade elegante do texto. Ora eu então fiz-me critico, animado pela grande cópia de sandices que se escreveram contra a minha traducção. N'este modo de vida achei vantagens extraordinarias, sendo a primeira a dispensa de saber alguma coisa. Um critico, no jardim das lettras, representa uma toupeira em jardim de flores; é temivel porque remeche e estraga tudo; levanta impólas de terra, e suja quando não desvasta a mimosa vegetação. Eu fiz destroços grandes e escalavrei muitas reputações litterarias, já por amor da arte, já por amor do estomago, esta coisa onde um homem de genio não póde crear a luz, porque isto aqui *(indicando o estomago)* é um abysmo que só recebe a luz pela bocca. Mas a final, as obras litterarias que appareciam eram já de natureza que o arpéo da critica não lhes ferrava a

unha. Entreguei-me ao genero chamado *reclame*, e comecei a chamar a attenção do paiz para toda a coisa impressa, poema ou tragedia, romance ou farça. Este officio, posto que o mais aviltante da vida d'um escriptor, é o mais lucrativo no mundo patarata, em que eu me atasquei. A consciencia pezava-me pouco, se o estomago sahia pezado de casa do emprezario do theatro ou do editor do romance. Afoguei muitos escrupulos em sôpa de camarão. Mas o sangue de principe, este não sei quê que me faz cócegas nos miolos, mostrou-me a indignidade da minha missão na terra, e desde logo atirei um vôo atrevido ás regiões aquilinas da politica. Estudei trez dias as questões de fazenda em Portugal, e entendi-as tão claramente como se fossem questões da minha fazenda. Percebi que o paiz estava como eu tal e qual: foi-me facil escrever uma serie de artigos nos quaes provava que a maneira de matar o *deficit* era... sim eu provava que a maneira de matar o *deficit*, esse cancro roedor das entranhas do meu paiz, era... sim eu provava... não me lembra agora o que provei... o certo é que me despacharam escrivão de fazenda de Santo Thyrso,

provavelmente para matar o *deficit*. Eis que chêgo, e vejo a Morgadinha... *(Ouvem-se os tamborileiros)* Não convem que estes barbaros me vejam parado em frente do portão da mulher amada... *(Sáe)*.

SCENA II

PANTALEÃO, dois CREADOS, e os TAMBORILEIROS

Entram ao terreiro e páram tocando em frente da porta trez tamborileiros, um de bombo, e os outros com caixas de rufo. Pouco depois abre-se a porta, e sáe Pantaleão, *com dois creados de lavoura, um dos quaes distribue canecas de vinho, que despeja d'um pichel vermelho, pelos tamborileiros, que se descobrem.*

1.° Tamborileiro *(o do Zabumba)*

Biba o incelentissimo morgado a mai'la snr.ª morgadinha!

Os trez

Biba por muitos annos, biba!

Pantaleão

Olé! rapazes! Com que vossês já se vão chegando ao arraial?..

1.º Tamborileiro

Ó promeiro, vamos tocar ós mordomes do Snr. San Joon, que tem festa d'arromba este anno; e ós despois la bamos pr'ó arraial com Deus. *(Ouve-se ao longe a toada das cantadeiras que cantam o S. João.)*

Pantaleão

Bebam; mas não se encarraspanem como no anno passado.

2.º Tamborileiro *(rindo alvarmente)*

É berdade, fedalgo! Aquillo é que foi perua! Indas m'alembra!

Pantaleão

Pois vê lá se arranjas outra que te faça esquecer a do anno passado.

3.º Tamborileiro *(bebendo)*

Enton la bai á saude de Vossenhoria, a mais da snr.ª morgadinha.

1.º e 2.º Tamborileiro

A mesma.

Pantaleão

Querem mais? bebam.

1.º Tomborileiro

Non faz minga.

Pantaleão

Então, rapazes, adeus. Lá nos veremos na romaria.

Os tres Tamborileiros

Biba o fedalgo, e mai la obrigaçon. *(Sáem rufando estrondosamente: cessa o estrondo pouco depois.)*

SCENA III

PANTALEÃO E OS DOIS CREADOS (QUE POUSAM AS VASILHAS)

Pantaleão

Ora venham cá vossês, tomem tino no que eu vou dizer, e abram-me esses olhos. Vossês tem obrigação de zelar a honra d'esta casa, por que nasceram n'ella, cá se crearam, e cá hãode morrer, se me servirem bem. Aquillo que souberem a respeito do que vou perguntar hão de dizer-m'o. Aqui quem governa sou eu, percebem? Vossês tem visto de noite alguma vez por debaixo das janellas d'esta casa o escrivão de fazenda? um homem muito magro que cá vinha d'antes?

*

1.° Creado

Bem sei quem é o escribon das fazendas de Santo Thyrso... Olhe, fedalgo, eu jurar non juro que era elle; mas aqui atraz ha trez noutes, vinha eu de regar a cortinha das Chans, e ao sahir da carvalheira, rebentando sobre a direita, vi uma coisa 'a escoar-se por entre os carvalhos que parecia um abentesma...

2.° Creado

Eu tambem já bi esse abentesma, salbo seja, ahi ós pois da mêa noute; mas aquillo, meu amo, non podia ser o escribon das fazendas por que Vossenhoria faça de conta que elle por este caminho alem lebaba-se assim têzo e hirtego que não bolia c'os pezes. Havéra de ser o mesmo que tu enxergaste, Antonho!

Pantaleão

Pois creiam vossês que não era outro senão o escrivão de fazenda. N'estes arredores não ha homem d'aquelle feitio senão elle... Sabem

o que eu quero, rapazes? é que lhe dêem uma boa sova de estadulho.

1.º Creado

Só se for a tiro; que non ha home que o pilhe na carreira.

2.º Creado

E p'ra lh'acertar c'uma bala faz minga saber atirar ás lebres. *(Ouvem-se risadas de mulheres já perto.)*

Pantaleão

Por ora, nada de tiros; o que mando é que lhe arrumem quatro bordoadas, sem lhe dizer isto nem aquillo. Vossês zupem-lhe e escamem-se, que eu com a justiça não quero testilhas; mas não lhe batam, sem o apanharem cá á volta da casa... Vamos conversar aqui p'ra carvalheira que vem ahi as raparigas da freguezia. *(Sáem pela esquerda.)*

SCENA IV

(Rancho de raparigas vestidas de saias de chita com muita roda de saias e saiotes, capotilhas encarnadas, chinela e meia branca, acompanhadas d'um tocador de rebeca e outro de violão, que lhes acompanham as cantigas. Entram pulando alegremente, e pucham por a estridula sineta do portão.)

O rabequista

Biba a snr.ª morgadinha de Val-d'Amores!

Todos

Biba! Biba! *(Cantam o S. João.)*

COPLAS

Son Joon adromeceu
Nas escadas do collejo;
Deron nas frêras co'elle,
Son Joon ten porbolejo.
Que é aquillo, que é aquillo, que é aquillo?
Son Joon a caçar um grilo.

Ó meu son Joon da Ponte,
Ó meu bello patusquinho,
Dá-nos anno de bon pon,
Dá-nos anno de bom binho.
Non é nada, non é nada, non é nada,
Son Joon a comer pescada.

(Abre-se o portão de par em par. Sáe a Morgadinha, trajada com luxo, mas fóra da moda. Vestido de ancas exaggeradas, cabello á Stuart, e um grosso grilhão ao peito. Segue-a um creado velho, de nisa, com uma cadeira de braços á cabeça, e uma pichorra e caneca na mão.)

SCENA V

MORGADINHA, JOÃO LOPES, E AS CANTADEIRAS

Vozes

Biba a snr.ª morgadinha! Biba! Biba!

Morgadinha *(sentando-se na cadeira)*

Adeus, raparigas. Como estás tu, Maria do Quinchoso! e tu, Benta do Cazal? Olha a Ma-

rianna da Egreja como está gorda com o cazamento! Ó João Lopes, dá vinho a essa raparigada toda.

Uma das moças

Vossenhoria bai ao arraial?

Morgadinha

Podéra não! Já estou preparada, e vou assim que a tarde refrescar, que quéro ver o fogo prezo.

Outra

É mai lo auto do Natal, que vem la os d'Arnôzo co'elle.

Outra

E como a fidalga está pimponaça! Parece mêmo a Madanela da porcisson de Passos!

Outra

Benza-a Deus, que palminho de cara assim não se topa outro no mundo! Faz agora

um anno que os cassacas do Porto andabon todos enbeiçados atraz da snr.ª morgadinha no arraial; e enton aquelle goberno que está em S. Thirso esse é que andava mêmo azoratado!

Morgadinha *(rindo)*

Qual governo?!

A mesma

Aquelle que lhe chamon o das fazendas, ou non sei que deanho...

Morgadinha

Ah!.. *(suspirando)* Ja sei...

O do violão

Má rais o parton, que me mandou citar indas hontem!

O rabequista

Eu onde le poder ser bon heide medirle o costado de pá a pá cum fueiro...

Morgadinha

Ora não sejas bruto, José da Eira! Elle faz a sua obrigação; faz tu a tua que é pagar o que deves ao rei.

O mesmo

Ao rei! Bem me fio eu n'isso... Enton a fidalga pensa que o rei aveza uma de X do dinheiro que nós demos!! Pois non avezastes! Os governos de S. Thirso repartem uns c'os outros no fim do anno o dinheiro que don os lavradores.

O outro

É como diz.

Morgadinha

Sois uns selvagens. Deixemo'-nos de tolices. Cantem lá alguma coisa vossês.

Uma das moças

Quer a *Marianinha,* fedalga?

Morgadinha

Pois sim; cantem lá a *Marianinha.*

COPLAS

(Tudo mulheres)

(UMA VOZ)

Ja fui canario do rei,
Ja lhe fugi da gaiola.

(CÔRO)

Sim, sim, eu vou lá
Ó Marianinha,
Sim, sim, eu la vou
Ó pequerruchinha.

(UMA VOZ)

Agora sou pintassilgo
Destas meninas d'agora.

(CÔRO)

Sim, sim, eu vou la, etc.

(UMA VOZ)

Pintassilgo está no bosque,
A andorinha no telhado,

(CÔRO)

Sim, sim, etc.

(UMA VOZ)

So eu não sei onde estou,
Quando não estou ao teu lado,

(CÔRO)

Sim, sim, etc.

(VOZ)

A andorinha quando chove
Vai metter-se á escuridon

(CÔRO)

Sim, sim, etc.

(VOZ)

E eu quando o norte é rijo
Metto-me ó teu coraçon.

(CÔRO)

Sim, sim, etc.

Todos

Biba a snr.ª Morgadinha! Biba!

Morgadinha

Então vossês vão já para a romaria?

Uma d'ellas

Aindas bamos buscar as cazeiras de Vossenhoria que estão á espera de nós, e ós pois voltemos por qui.

Morgadinha

Pois vão, e voltem. *(Sahem cantando o S. João. A morgadinha fica pensativa e melancolica, encostando o rosto á mão, em quanto se ouve e se vai perdendo a toada da cantiga.)*

SCENA VI

MORGADINHA e JOÃO LOPES

Morgadinha

Como estes brutos são felizes!.. E eu sempre apoquentada por causa deste coração! Ai! eu antes de saber o que era amor tambem cantava... Lembras-te, ó João Lopes?

João Lopes

Ora se lembro! E cantava que nem uma calhandra a fidalga!

Morgadinha

Olha se te lembras, João! Eu ia ás espadeladas, ás descamizadas, ás malhas, brincava, saltava...

João Lopes

Até dançava a cana verde, e a chula que era um gosto vêl-a!.. E quando a menina quiz que eu lhe ensinasse o jogar o páo...

Morgadinha *(com alegria)*

É verdade...

João Lopes

E o caso é que vossellencia ahi com duas duzias de lições já me chegava com o páo.

Morgadinha *(erguendo-se enthusiasmada)*

E d'aquella vez que eu me vesti de rapaz, e puz fóra da eira do Manoel Tamanqueiro, com quatro partidas de páo, mais de seis mascarados que la andavam a beliscar as minhas cazeiras!

João Lopes

Por signal que a menina deu uma tapôna no Zé Torto, que ficou tôrto de todo... Ó fidalga, vossellencia hoje já não era capaz de romper ahi com um marmeleiro p'ra frente d'um homem qualquer!..

Morgadinha

Estás enganado... se me chegassem a mostarda ao nariz... Mas, ai!.. *(Torna a sentar-se triste.)* A minha alegria foi-se desde que eu soube o que era amor!.. Olha lá, João... não o vis-te hoje? não viste o meu amado Frederico?

João Lopes

Falle baixinho, menina. Olhe que o snr. morgado ainda ha todonada me esteve dizendo que desconfia que elle anda por aqui de noute A fidalga acautele-o; que não vão os creados chegar-lhe ao fôrro da camiza...

Morgadinha *(erguendo-se colerica)*

Façam isso, que os esgano! Que lhe ponham um dêdo, e verão quem é a morgada de Val-d'Amores!

João Lopes

Não grite assim, que seu pai, se a ouve, quem as paga sou eu. A fallar a verdade, eu não desgosto do snr. Frederico; mas, em fim, esta aquella de ser escrivão, é ruim modo de vida para poder casar com a snr.ª morgadinha...

Morgadinha

Isso que tem!? Todos somos eguaes; e o coração, quando ama, não quer saber de contos. Uma pessoa não está lá a averiguar se o objecto amado é fidalgo ou plebeu. Tem-se visto rainhas casarem com pastores, e reis casarem com pastoras.

João Lopes

Cá no conselho de Santo Thirso não me consta, hade perdoar.

Morgadinha

Mas lá por esse mundo fóra acontece isso a cada passo. Tu é por que não lês os livros das historias. Eu te lerei casos que aconteceram... E então que tinha que eu casasse com um escrivão?

João Lopes

Em fim, em fim, o paisinho da fidalga foi capitão-mór, seu avô foi desembargador, e seu bisavô foi sargento mór de batalha no Roussilhon...

Morgadinha

Vai dizendo até chegar a Adão e Eva, vai dizendo, e eu depois te direi de quem eu e mais tu somos netos.

João Lopes

Isso assim é, não ha duvida; mas, diz lá o ditado, lé com lé, e cré com cré.

Morgadinha

Não quero saber de ditados! *(com força)* Este amor só m'o hade arrancar do peito a morte!

João Lopes *(apontando para o brazão)*

Fidalga, ponha os olhos nas armas reaes dos seus antepassados.

Morgadinha

Ora! não tenho mais que fazer... Cuidas que eu não sei que meu avô casou com uma creada? Mostra-me onde estão alli as armas da creada. Bem se importou elle das armas, nem do brezabu que as leve! É o que faltava... estar-me eu aqui a definhar p'ra'mor da pedra! As armas são de pedra, e eu sou de carne e osso, ouviste?

João Lopes

A fidalga responde a tudo, e não ha remedio senão callar-se um homem, que a trouxe

nos braços desde os trez annos, e sou capaz de me metter no inferno vestido e calçado por causa da minha menina. *(Sensibilisa-se.)*

Morgadinha

Sei o que tenho em ti, meu João Lopes... Vais tu ahi ao cimo do pinhal a vêr se o vês pela estrada?.. Elle disse-me que havia de passar para a romaria ás seis da tarde. Se o encontrares, diz-lhe que meu pai se está a vestir para ir tambem, e que elle póde demorar-se a conversar comigo um bocadinho.

João Lopes

Vou vêr se o avisto; mas, menina do meu coração, olhe que seu pai anda á espreita e traz espias... Nós temos grande desgraça pela porta...

Morgadinha *(energicamente)*

Não morro de mêdo, já te disse. A mulher que ama não tem mêdo de nada!

João Lopes

Seja assim; mas, se lhe quebram o espinhaço a elle! Coitado do homem, é tão delgadito que, se o apanha o vento d'um páo, elle vai a terra...

Morgadinha

Quem lhe hade bater?! Cuidas que elle não anda armado? Que se attrevam sómente a ameaçal-o!..

João Lopes

Cá vou, cá vou, não se desespere. *(Sáe.)*

SCENA VII

MORGADINHA

(Senta-se quebrantada e triste)

Ai! quem me dera casar!.. quem me dera casar com Frederico Arthur!.. *(Musica de sur-*

dina) Como eu gosto d'elle! Ha mais de dous annos que este meu coração padece! Não ha noite em que eu não sonhe duas vezes com a sua imagem... Quando acordo, e o não vejo, a minha vontade é chorar, chorar, chorar! Perdi a vontade de comer! Tudo me faz fastio. Os cirurgiões mandam-me tomar aguas ferreas!.. e só eu sei o que tenho! O meu mal é aqui!.. *(a mão sobre o coração)* Oh céos! quanto eu sou desgraçada sem o meu Frederico! *(Ergue-se, e falla com muito sentimento. Musica plangente.)* Quando eu o vi, pela primeira vez, foi na hospedaria das Caldas de Vizella, onde meu pai tratava do seu rheumatico. Estávamos a jantar quando elle entrou, e meu pai offereceu-lhe frango com ervilhas. Elle agradeceu, mas não comeu, dizendo que o seu jantar era um ôvo quente. E d'ahi a pouco, trouxeram-lhe um ôvo quente n'uma tigella; e elle comeu o ôvo, bebeu um copo d'água fresca, e disse que tinha jantado! Como eu fiquei triste e pensativa a olhar para elle, e elle para mim! Perguntei-lhe, sem o pai ouvir, se podia viver só com um ôvo, e elle respondeu que a sua alma se sustentava com a esperança de ser amado por mim... e

com tres óvos por dia. Oh! que lembranças estas, que lembranças estas! *(chora)* E vai depois, disse-lhe eu: «O snr. está assim magro porque come muito pouquinho; se gosta d'óvos coma uma duzia d'elles de cada vez»; e elle pregou-me os seu lindos olhos, e respondeu a suspirar: «Que me importa o corpo? a mim o que me importa é o coração que é grande; e, se o corpo é magro, mais depressa me reduzirei a cinzas se V. Ex.ª me desprezar.» Isto fez-me no peito móssa! fiquei presa d'este dito; senti por aqui acima uma fogueira que me pôz a cara em brazas vivas, e não lhe disse coisa de geito porque fiquei um pedaço intallada. Depois, ao despedir-mo'nos, com muita vergonha, sempre pude dizer-lhe: «amo-vos, meu bem!» Ora aqui está como começou isto. Desde então para cá apenas lhe tenho fallado umas trez duzias de vezes da janella para o caminho... Sinto-me muito acabada; e, se isto assim dura, não vou longe. Elle tambem está no osso, o meu pobre Frederico!.. Antes de começar estes amores, eu pezava cinco arrobas e seis arrateis pela medida antiga; pois aqui ha oito dias pezei-me de novo, e tinha mingado duas arrobas. Assim não po-

demos viver, nem eu nem elle. *(Com força, que a musica imita.)* É preciso acabar com isto d'uma maneira ou d'outra. Se meu pai quer, quer; senão quer, quero eu. Uma mulher não póde ser escrava da sua fidalguia. Antes quero ser esposa d'um escrivão, e viver contente, que ser a morgadinha de Val-d'Amores, e estar-me aqui a pôr na espinha... *(Ouve-se rumor de vozes fóra.)* É o meu papá!.. *(Senta-se.)* Vem-me empatar as vazas...

SCENA VIII

PANTALEÃO, MACARIO, E A MORGADINHA

(Macario é um sujeito de oculos e casaca de briche, já de annos, e ar circumspecto)

Pantaleão *(áparte ao boticario)*

Veja lá como lhe falla... Olhe que ella é finoria... *(á filha)* Cá me vou preparar, Joaninha. Aqui te deixo o snr. Macario para não ficares sósinha. *(Sáe.)*

SCENA IX

MACARIO E A MORGADINHA

Macario

Tenha V. Ex.ª muito boas tardes.

Morgadinha *(enfastiada)*

Viva, snr. Macario, as mesmas.

Macario

Tem-lhe passado o fastio? Aquelle emplasto confortativo que eu lhe mandei fez-lhe bem?

Morgadinha

Não o puz: cheirava a pez.

Macario

De pez de vergonha era; fui eu mesmo que

o manipulei... Então, a snr.ª morgadinha vae ao arraial?

Morgadinha

Vou.

Macario

Faz muito bem; que lá hade encontrar pessoa que muito interessa a V. Ex.ª... enganei-me... pessoa que muito se interessa em vêr V. Ex.ª queria eu dizer.

Morgadinha

Como é isso? não percebi.

Macario

Eu me vou explicar. Eu cheguei hontem de Guimarães, onde estive com o snr. deputado Cosme Jordão, um sabio que tem votado grandes fallas no parlamento... Ha de ter ouvido fallar V. Ex.ª...

Morgadinha

Não sei nada de parlamentos, não leio periodicos.

Macario

Pois, minha snr.[a], o doutor Cosme Jordão é um sujeito conhecido em todo o mundo, e lá na côrte até vae ao palacio do rei e come lá...

Morgadinha

Deixal-o comer, que tenho eu com isso?

Macario *(áparte)*

Não faço nada! está hoje levadinha dos diabos.

Morgadinha

Vamos, diga lá, snr. Macario.

Macario

Pois este deputado vae hoje á romaria do S. João.

Morgadinha

Deixal-o ir; que se divirta. Então é esse o homem que me quer vêr?

Macario

Eu me explico. O snr. deputado Cosme diz que vira V. Ex.ª...

Morgadinha

Ainda bem; é signal que não é cego. E que mais?

Macario

E que ficou muito agradado de V. Ex.ª...

Morgadinha

Pois tem máo gosto e perde o tempo. Que mais?

Macario

V. Ex.ª, se o vir, não hade fallar assim. É ainda homem de boa edade, cheio de corpo, com uns oculos que lhe dão muito respeito á cara...

Morgadinha

Ora! oculos de respeito! que me importa cá a mim os oculos do homem? sabe que mais, snr. Macario? *(Põem-se a bamboar uma perna sobre a outra, e a trautear o «Pretinho que vem d'Angola».)*

Macario

Finalmente, snr.ª morgadinha, como V. Ex.ª quizer; mas lembre-se de que seu pae deve á fazenda nacional uns seis contos de réis, e que o snr. doutor Cosme, casando n'esta casa, hade fazer com que seu pae não pague nada, e mesmo no futuro lhe não lancem impostos.

Morgadinha

Não me seque, snr. Macario. Vocemecê queria que meu pae pagasse commigo ao tal Cosme o que deve á fazenda? Pois que pague com o que é d'elle, e que me deixe com menos dote. Tenho dito, e deixemo'-nos de lerias. Metta-se lá na sua botica e não se faça casamenteiro. Vá fazer charopes.

Macario *(áparte retirando-se)*

Apre com a cabra!

Morgadinha

Que tal está o sacripanta!

SCENA X

JOÃO LOPES, ESPREITANDO A MORGADINHA, E DEPOIS FREDERICO

João Lopes

Psiu, psiu.

Morgadinha *(sobresaltada)*

Viste-o?

João Lopes

Elle ahi vem... Eu vou espreitar, e assim que eu tossir que fuja para a carvalheira.

Frederico

Anjo! milagre de bellesa, Joanna querida, não sentes n'estas mãos o vibrar da alma?

Morgadinha *(muito terna)*

Como estás tu? passaste bem desd'hontem?

Frederico

Pergunta ao lirio do valle o que lhe pende a fronte quando o orvalho do céo lhe não esfria os queimores do sol estivo.

Morgadinha

Olha lá, Frederico, tenho a avisar-te, antes de mais nada, que é preciso andares prevenido...

Frederico

Temos sicarios? Ha aqui vampíros? A vindicta paterna tem sêde do meu sangue? Eis aqui o peito. Que m'o farpem, que m'o fendam, que

m'o alanceem, que m'o lancetem. Tudo por ti, tudo por ti, ó estrella, ó loira visão dos meus sonhos! *(Rumor fóra.)*

Morgadinha

Foge... esconde-te entre as arvores... *(Frederico sóme-se.)*

SCENA XI

MORGADINHA, OS DOIS CAMPONIOS QUE VÃO PASSANDO, E DEPOIS FREDERICO

(Um camponio tange flautim e outro viola. Duas môças á frente batendo palmas ao compasso do canto, e saltando)

Um camponio *(cantando)*

Muito bem seja apparecido
Seja apparecido
N'esta funcção. (Batendo palmas)

(CÔRO)

Bate as palmas c'o seu pexinho
Co' seu pexinho
Co' seu pexão. (Repete)

(Assim que elles passam, a Morgadinha sáe do portão, e logo Frederico do escondrijo)

Frederico

Mas dizias tu, pomba?

Morgadinha

Que te acautelasses dos meus creados quando vens de noute. Deves vir bem armado.

Frederico

Armado! para quê? Tu não sabes que o teu amor é talisman que prostra gigantes! As minhas armas são os raios de fogo que bebo de teus olhos; tenho vesuvios na alma capazes de abrazar cidades!

4

Morgadinha

Isto não é chalaça, meu amado Frederico! Peço-te que tenhas cuidado, muito cuidado. Se eu podesse estar sempre ao teu lado, não temeria ninguem... Tu verias o que é a morgada de Val-d'Amores... Mas eu não sei como isto hade ser... Bem sabes que meu pae tem a mania de fidalgo...

Frederico *(interrompendo-a com exaltação)*

Fidalgo! que é fidalgo?! palavra obsoleta em 1871! Que é fidalgo? a sola velha e inutil d'um borzeguim do seculo XV! Oh! então é certo que teu pae ignora, que o baptismo de sangue da revolução franceza lavou todas as manchas da desigualdade entre homem e homem! Oh! a revolução! o segundo christianismo! Que é fidalgo? teu pae não sabe que aquelle brasão d'armas *(apontando)* está alli como a pedra sepulcral das cinzas feudaes! Teu pae está debaixo do sol e não sente o calor da fermentação social! Ouve o estrondear da democracia reinante, e volta a face para os phantas-

mas dos avoengos que se somem lá em baixo no abysmo da historia!

Morgadinha

Não sei lá d'essas historias; o que te peço é que não te exponhas a levar alguma paulada á falsa fé. Olha que os meus creados são uns patifes, e meu pae não é boa rez, quando se arrenega. Pensa no que se hade fazer, porque elle não nos dá consentimento para nos casarmos.

Frederico

Heide movêl-o com a eloquencia d'um homem aquecido no sol moderno. Heide convencêl-o, enchendo-lhe o espirito de luz e o coração de ideias novas.

Morgadinha

Não te mettas n'essa asneira, que não fazes nada. *(Tem-se já ouvido toada de musica da chula, e depois a tosse rija de João Lopes. Frederico some-se sem ser preciso mandal-o. A morgadinha fica.)*

SCENA XII

MORGADINHA

(Chega uma chulata que vae de passagem para a Romaria. Bando de raparigas que precedem, bailando; tocadores de rebeca, viola, clarinete, ferrinhos e requinta. A esturdia pára defronte da morgadinha, e continúa dançando cada rapariga com o seu parceiro.)

COPLAS DE DESAFIO

(Em quanto o cantador deita a cantiga, tange sómente a viola. Entre os dois primeiros versos e os dois ultimos de cada quadra ha um espaço que dá logar a que toquem por alguns segundos todos os instrumentos.)

Cantador

Agora que eu vou passando,
Faço aqui minha parada;
Para saber da saude
Da incelentissima morgada.

Cantadeira

Da incelentissima morgada
Tambem eu quero saber,

Que mais linda creatura
Não na póde o mundo ter.

Cantador

Não na póde o mundo ter
Nem terá até ao fim;
Os seus olhos são d'amóras,
Os seus dentes de marfim.

Cantadeira

Se tem dentes de marfim,
O seu rosto é uma roza;
E viva sua incelencia
Que não na ha mais fermosa.

Cantador

Quero dar a despedida
Á senhora Morgadinha;
Que não ha por estas terras
Mais bonita fidalguinha.

Cantadeira

Eu tamem vou espedir-me,
Despedida quero dar;
Adeus, senhora morgada,
Sirva-se de perdoar.

(A morgadinha agradece-lhes com um acêno de lenço. O bando sáe tocando e dançando. Assim que o descante se ouve froixamente, volta Frederico.)

SCENA XIII

MORGADINHA E FREDERICO

Frederico

Tenho odio a estes selvagens que me roubaram horas de vida! Quando sahirão os lôrpas da face da terra?

Morgadinha

É verdade, Frederico! Trouxeste-me os figurinos?

Frederico

Eil-os chegados hoje de Lisboa.

Morgadinha *(examinando-os)*

Ai! que demonio de mulheres! Pois ellas trazem estes vestidos assim incozipados nas pernas!?

Frederico

Oh! isto é a elegancia circassiana! é a fórma na sua diafeneidade sublime; ha aqui a poesia do fino, a mulher parece toda nervosa, é o lyrismo da plastica...

Morgadinha *(rindo)*

Se eu te percebo, cebo! Boa cataplasma me parece este molho de clinas e sacarrolhas que ellas tem na cabeça.

Frederico

Não blasfemes! Ó Joanninha, veste-te assim; realça, sobredoura a tua belleza com estes adornos que angelisam a mulher de compleição robusta, e transformam a mimosa em coisa ideal vestida de vapores. A mulher assim involta em roupagens etherias é um madrigal de setim que cahiu das lyras dos anjos.

Morgadinha

Pois sim, faço-te a vontade. Vou mandar comprar no Porto esta trapalhice toda...

SCENA XIV

OS MESMOS E PANTALEÃO

(Abre-se o portão repentinamente e apparece subito Pantaleão. Frederico ainda faz um impeto de fuga, mas contem-se, e corteja mui urbanamente o fidalgo.)

Frederico

Passava para a romaria, e, como visse S. Ex.ª *(indicando a morgadinha)* vim depôr a seus

pés os meus respeitosos cumprimentos, e informar-me da saude de V. Ex.ª

Pantaleão

Estou bom, muito obrigado. Onde está o João Lopes?

Morgadinha

Foi aparelhar a burra.

Pantaleão

Vae tu preparar-te que são horas.

Morgadinha

Quer vêr como agora são as modas, papá? olhe. O snr. Frederico vae levar estes figurinos ás nossas primas de Ruivães.

Pantaleão

Pois faz-me o snr. muito favor se me cá não trouxer bonecos a casa. Nós cá não somos de modas.

Frederico

Direi a V. Ex.ª, snr. morgado, que as modas tem certa relação com o espirito das gerações e das épocas. Agora que o entendimento humano se adelgaça, o involucro material tambem se subtiliza nas raças finas...

Pantaleão *(medindo-o d'alto a baixo com ironia)*

Bem se vê que o snr. escrivão é d'uma raça muito fina... pelo muito adelgaçado que está...

Frederico

Não me jacto de prosapia heraldica; mas, na jerarchia dos espiritos, preso-me de pertencer ao bando mais illuminado. Respeito muito o brasão; mas curvo-me diante da aristocracia do genio e do talento.

Pantaleão

Sim, o snr. tem muito talento, bem sei... Já te disse, Joanna, que te vás arranjar.

Morgadinha

Adeus, snr. Frederico, muito obrigada. *(Sáe.)*

SCENA XV

PANTALEÃO E FREDERICO

Frederico

Creado de V. Ex.ª *(Vae a sahir; mas Pantaleão detem-o.)*

Pantaleão

Faça favôr.

Frederico

Escuto as suas ordens.

Pantaleão

O snr. anda muito mal encaminhado. Minha filha é a morgada de Val-d'Amores; o snr.

é o escrivão de fazenda de Santo Thirso. Estão um do outro tão longe como aquella pedra d'armas do rebôlo d'um sapateiro, entendeu?

Frederico

Entendi, que V. Exc.ª tem um estylo bastante chato. Entendi, posto que V. Exc.ª falle uma lingoagem assás gothica em pleno seculo XIX.

Pantaleão

Pois se entendeu, tire o seu atrevido pensamento de minha filha, e procure a fôrma do seu pé. Não me obrigue a usar dos usos e costumes dos meus avós. Quer que lh'os diga?

Frederico

Heroismos dos seus ascendentes? Essas Odisséas da aldêa são hoje impraticaveis. Eu sei em que tempos vivemos, snr. morgado.

Pantaleão

Sabe? pois olhe que não sabe em que terra vive. O snr. veio lá de Lisboa onde qualquer bigorrilhas, que põe gravata, entende que é egual a todo o homem que põe gravata; o que o bigorrilhas não quer é sêr egual a todo o homem que não tem gravata.

Frederico

Ahi ha certa sublimidade de idêa, de que lhe dou os parabens. V. Exc.ª ia quasi escrevendo d'um traço a historia philosophica da democracia moderna.

Pantaleão

Eu não escrevo historia nenhuma; o que eu lhe digo é que isto cá nas montanhas é outra cousa. Os morgados são morgados; os escrivães são escrivães; e os sapateiros são sapateiros. Ora, quando acontece alguem querer sahir da sua classe, primeiro avisa-se; depois quebram-se-lhe as costellas. O snr. sabia isto?

Frederico

Eu não sabia que estava na Cafrária. Cuidei que este concelho era um retalho do Portugál civilisado; cuidei que a luz do grande fóco radiara uma flecha de luz até ao coração de V. Ex.ª que me parece ser uma pessoa de bons costumes, e não um esquimó. Cuidei finalmente que o Evangelho e a Carta constitucional livellavam a dignidade humana... *(Ouve-se o cantar das raparigas que se avisinha.)*

Pantaleão

Enganou-se comigo. Eu sou Pantaleão Cogominho de Encerrabódes, décimo oitavo senhor do morgadio de Val-d'Amores. Quem houver de casar com minha filha hade poder deixar apellidos nobres ao vigessimo senhor d'esta casa. Tenho dito, e acabou-se o cavaco. Saude e juizo. *(Volta-lhe as costas. Frederico bambôa a cabeça altivamente e retira-se.)*

SCENA XVI

MORGADINHA, PANTALEÃO, E O BANDO DAS MOÇAS E TOCADORES QUE APPARECERAM NA TERCEIRA SCENA

(A Morgadinha sáe sentada sobre a jumenta. Vem vestida de Amazôna. João Lopes de farda azul com vivos vermelhos, bota de orelha e prateleira, colete encarnado, e chapéo embrecado, tudo á antiga e grutesco, vem trazendo a burra pela rédea. As raparigas estão cantando as seguintes):

COPLAS

(UMA VOZ)

Dondes vens ó velha?
Eu venho da feira.

(CÔRO)

Que trazes na cesta?
        Crá, crá, crá,
Sardinha vareira,
        Cri, cri, cri,
Por a retangueira;
        Cró, cró, cró,
Se o galo cantou.

(UMA VOZ)

Se o galo cantou
Deixal-o cantar.

(CÔRO)

Minha rica prenda
    Crá, crá, crá,
Lá da beira mar
    Cri, cri, cri,
Pela retangueira,
    Cró, cró, cró,
Se o galo cantou.

(UMA VOZ)

D'onde vens ó velha?
Eu venho d'alli.

(CÔRO)

Que trazes na cesta?
    Crá, crá, crá,

Que te importa a ti,
    Cri, cri, cri,
Pela retangueira,
    Cró, cró, cró,
Se o galo cantou.

(Continúa o canto ao descer do panno.)

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO SEGUNDO



Vista de arraial. É noute. Festões de lampadas de papel variegado pendem dos ramalhos das arvores. Mulheres a frigir, ao lado das pipas cobertas de ramos de folhagem. Barracas com botequins. Multidão de povo a beber á volta das pipas. Sinos repicando, e estouros de foguetes. D'ambos os lados da scena, mas fóra, se canta o «S. João» com vozes alternadas. Frederico passeia por entre o povo, mirando as raparigas. Os dois já conhecidos creados de Pantaleão, com as pernas encruzadas nos varapáos, medem d'alto a baixo Frederico, e rompem a jogal-os um com outro. Frederico, por uma das suas evoluções maravilhosas de rapidez, desapparece. O povo ri-se, e elle reapparece logo, seguido por trez cabos armados. Os cabos usam bonet com debrum azul. Cessam as cantilenas, e rompe a banda musical de Santo Thyrso, estrondosa em trompões, a qual entra em scena tocando uma marcha. Os musicos uniformes, de calça branca, casaco azul com vivos amarellos, o bonet avivado da mesma côr. As figuras podem caracterisar-se caprichosamente. Em seguida, entra a Morgadinha, com o pae, Macario, Cosme Giraldes, e João Lopes. Cosme Giraldes é um sugeito gordo, aspeito sério, com os seus oculos. um todo de summa gravidade. Os circumstantes cedem o logar aos recem-chegados, que formam grupos.

SCENA I

TODOS OS DESCRIPTOS (GRUPO DA MORGADINHA E COSME GIRALDES)

Cosme *(com gesto de orador e com grandes pausas, á Morgadinha)*

A festa animou-se com a auspiciosa chegada de V. Ex.ª O sol do empyreo e uma senhora bella, que é o sol dos corações sensiveis, onde brilham, tudo reanimam. Assaz ditoso me julgo em ser o mais feliz dos mortaes que se sentem influenciados e enthusiasmados pelos lumes encantadores de V. Ex.ª Falta, todavia, á minha completa dita a certeza de que os meus affectuosos requebros acham graça nos seus olhos.

Morgadinha *(com desdem)*

Eu não lhe acho graça nenhuma.

Cosme

Como assim, divina ingrata?

Morgadinha

Já disse ao boticario o que tinha a dizer.

Cosme

Pois o seu coração...

Morgadinha

Está dado. Eu cá sou franca. Não perca tempo.

Cosme

Não ha duvida que ouvi dizer que V. Ex.ª, victima d'uma allucinação, aceitava a côrte d'um esgrouvinhado arcaboiço que exerce as ladras funcções de escrivão da fazenda! Heide eu, ó céos! accreditar que...

Morgadinha

Sim, snr., acredite, e faça favor de me não incommodar que eu vim á romaria para me divertir. *(Volta-lhe as costas.)* Ó papá, quando se

faz o Auto do Natal? *(Ouve-se a musica tocando uma marcha.)*

Pantaleão

É já. Mandei vir as figuras para aqui. Vae começar. Ó amigos, desempachem o terreiro que chêga o espectaculo. *(O povo retira e apinha-se entre scenas.)*

SCENA II

OS MESMOS, E AS FIGURAS ABAIXO DESCRIPTAS EM LOGAR COMPETENTE

(A musica entra a passo muito cadenciado com grandes pernadas. Chegada á bocca do palco, alinha a um lado para dar o passo aos dois primeiros personagens do auto):

Scena I do Auto

ADONIS E MANASSÉS

(Adonis traja de principe de carnaval; Manassés veste de propheta de procissão; mas toda a fatiota é muito usada e desbotada. Adonis traz um cavaquinho.)

Adonis *(com declamação muito boçal)*

Canta, Manassés, que eu te acompanho;
para isso com esta harpa vanho.

Manassés *(canta com ar inspirado, gesticulando estupidamente)*

O céo estrellado,
Sereno e propicio,
Será pois indicio
Do sol desejado.

(CÔRO DE PASTORES)

(Vozes femininas dentro)

Quem o habitará?
Quem o gozará?

Manassés *(cantando)*

Vêde a paz serena d'esta noute;
Nascerá a estrella de Jacó?
O gado socegado adivinha;
Não se bole no ninho a avesinha.

(CÔRO)

Quem o habitará?
Quem o gozará?

Adonis *(declamando, e passeando com grandes passos)*

Oh! que terno, caro Manassés, cantastes! O conceito da tua cançoneta amorosa me traz dôces lembranças. Ainda em nossos dias, veremos realisadas as porfecias? Não caibo na pelle de estifeito; da-me pancadas o coração n'este peito! *(Frederico despede um impulso de riso. Espantam-se os circumstantes.)*

Macario

O senhor está a mangar d'estes actos sérios?!

Frederico

Pois isto é sério! então não ha nada ridiculo n'este mundo senão o snr. boticario.

Macario

O senhor é muito mal criado, é um incivil, é... é... um escrivão!

Morgadinha

Snr. Macario, não esteja a interromper o auto. Deixe lá rir quem quer rir; chore vocemessê, se tem vontade.

Pantaleão

Continuem lá vocês co'isso.

Scena II do Auto

VOZ D'UMA PASTORA, CANTANDO DENTRO

Ó Deus do céo, e da terra,
Ó vós que podeis tanto,
Ouvide nossos clamóres
Sêde propicio, ó Deus sancto!

CÔRO *(dos pastores)*

Do povo amado,
Mandae o desejado.

(Os que estão no palco fazem scenas mudas de ternura muito lorpas.)

Manassés

Escuta! Não foi Ruiva, a pastôra que cantou?

Adonis

Foi. E os pastores tambem, que nenhum dorme.

Scena III do Auto

O VELHO SIMEÃO E RUIVA

(O velho vestido de pelles de carneiro. Ruiva de pastorinha, com um cordeiro branco nos braços)

Simeão *(com os olhos no firmamento)*

Incelso, interno rei sobrano, que sobre os crebins tens assento, oubide os nossos lamentos.

(CÔRO)

Do povo amado,
Mandae o desejado.

Manassés

Agora creio no mysterio occulto d'esta noite. Rebella que todos os pastores tem um só pensamento.

Simeão

Vinde pastores aqui todos; n'este campo contemplaremos o silencio da noute, que o auctor d'altos mysterios annuncia.

Frederico *(escancarando a bocca)*

Que semsaboria!

Macario e Cosme

Sio! *(prolongado.)*

Scena IV do Auto

ENTRAM PASTORINHOS E PASTORINHAS

Ruiva *(declamando)*

Aqui vimos, meus senhores,
Adorar nós o menino;

No seu sancto nascimento
Com grande contentamento.

(CÔRO)

Se o menino é nascido,
Nós o bamos précurar;
Aparcei, senhor menino,
Que vos queremos adorar.
(Sáem por diversos lados.)

Scena V do Auto

UM REI TURCO E DEPOIS OUTROS FIGURÕES

Rei turco

(Com uma cara horripilante, e trejeitos assustadores)

Sou o turco rei, que é
Valoroso na arrogancia;
Por ser filho da fortuna
E neto da extravagancia!
(Corre brandindo a espada d'um lado a outro.)

De moiriscos reis nasci,
Sou seu filho alentado,
O meu braço furibundo
Deixa tudo escangalhado.

Co'esta espada sou capaz
De entrar pelo inferno dentro
E pôr tudo em mil pedaços
Que eu sou um rei sanguenolento!
(Risada de Frederico.)

Cosme

Já é pertinacia de espirito-forte e atheu estar ahi o senhor a gargalhar em tão solemne passo!

Frederico

Solemne passo, diz o nobre deputado! chamar *solemne passo* á prostituição da arte!

Macario

O snr. é que é uma prostituição! Bem disse

aqui S. Ex.ª que o senhor é um atheu! um impio que zomba dos mysterios dogmaticos!

Vozes *(dentro)*

Quebra-se-lhe a cabeça! — Bordoada rija! — Vamos a elle!

Morgadinha *(erguendo-se colerica)*

Essa canalha que se calle! Ó João Lopes, onde está o regedor?

João Lopes

Saberá V. Ex.ª que o regedor tomou tamanha turca que está a cozel-a no palheiro d'um lavrador.

Cosme *(com enfaze)*

Um regedor crapuloso desacredita o funccionalismo e perverte a ordem social. A auctoridade que dá o exemplo da relaxação dos costumes não póde educar as massas. É necessario que não se desvirtue e desprestigie o funcciona-

lismo, com a embriaguez dos regedores. Parece que estamos chegados á desmoralisação do Baixo-Imperio!

Macario

Apoiado!

Morgadinha

Então os snrs. fazem favor de deixar continuar o auto?

Pantaleão *(ao Rei turco)*

Ó Zé da Custodia, diz lá o que tinhas a dizer.

Rei turco

Se isto não leva rumor, acaba-se a pandega!

Frederico

Magnificamente! Está a coisa definida: isto é uma pandega, e querem os moralões que a gente se desfaça em lagrimas! Faça favor de continuar, snr. rei turco, que eu estou sério, e talvez chore.

Rei turco

Agora não sou eu que boto a falla, é o outro rei. Entra, ó Manel Zarôlho! *(Chamando para dentro.)* O Manel Zarôlho é o rei christão. *(Explicando.)*

Scena VI do Auto

(Entra um Rei christão com muitos pastores e pastoras)

Rei christão

Eu trago os meus companheiros
Fieis á minha nação,
Para te convencer, ó turco,
E para te fazer christão.

Rei turco

Para onde ides, romanos,
Que tão alegres vos vejo?

Rei christão

Festejar o menino nado
Que é todo o nosso desejo

Rei turco

Que é do passaporte?

Rei christão

Passaporte não trazemos,
Se nos não deixas passar
Para traz nós tornaremos.

Rei turco

Para traz não heisde tornar;
Que eu vou buscar algemas,
Que vos quero algemar.

Pastores e pastoras *(cantando)*

Milagroso, Deus menino,
Esta obra vossa é;
Ajudai-o a vencer
O turco inimigo da fé.

Rei christão

Saca lá da tua espada!

Rei turco *(arrancando para elle)*

Ó cão, que sova tu levas!

Scena VII do Auto

OS MESMOS E UM ANJO, QUE SE METTE EM MEIO DOS DOIS REIS

Canta:

Detem-te, barbaro turco!
Cessa a tua infeliz sorte;
Faz-te christão, que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

CÔRO *(dos pastores)*

Faz-te christão que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

Rei turco *(declama)*

Eu sou o rei Almeirante
La do reino da Turquia;
Nunca fui prezoneiro,
So do rei da Lixandria!

O Anjo *(canta)*

Detem-te barbaro turco, etc.

CÔRO *(dos pastores)*

Faz-te christão que não tarda
Que te apanhe a feia morte.

Rei turco *(afflicto)*

Que é isto? que sinto? que tenho eu aqui? *(Com a mão sobre o estomago)* Que tenho eu aqui?

Frederico

Hade ser vinho. *(A Morgadinha ri-se ás escancaras.)*

Macario *(sobremodo indignado)*

Não ha noticia de tamanho escandalo!.. O snr. escrivão está mostrando que é um homem de sentimentos muito herejes!..

Cosme

E eu assaz me espanto que a snr.ª morgadinha applauda com a sua hilaridade estas interrupções indecentes!

Rei turco *(zangado)*

Eu cá é que não estou p'ra chalaças!.. Passem por cá muito bem. Por aqui me esgueiro. Ó rapasiada, vamos embora. Manda tocar a marcha ó Antonho da Pêga. *(Sáe com os personagens do auto, atraz da Musica, que vae tocando a marcha.)*

SCENA III

OS MESMOS, EXCEPTO OS PERSONAGENS DO AUTO

(Grande movimento e rapido. Macario gesticula com Jordão, e Pantaleão com a filha. Alguns camponios de varapáo fazem cêrco a Frederico. A morgadinha passa por meio d'elles, bamboando a cabeça e vibrando o chicotinho. Frederico passeia com os cabos. Os camponios retiram-se, relançando olhos ameaçadores ao escrivão.)

Morgadinha

Isto já me aborrece, papá...

Pantaleão

Vamos embora, menina?

Morgadinha

Por em quanto não: quero vêr o fôgo prezo; mas vou descançar um pouquinho a casa dos cazeiros.

Pantaleão

Vae, que eu vou buscar-te assim que principiar o fogo.

Morgadinha

Ó João Lopes, vem comigo. *(Sáem. Frederico retira-se pelo outro lado com os cabos.)*

SCENA IV

MACARIO, COSME E PANTALEÃO

(Formam um grupo á parte, do povo que gira no fundo)

Macario

Ó snr. morgado, pois V. Ex.ª deixa fugir esta occasião de fazer quebrar o espinhaço ao morôto?

Pantaleão

A occasião boa é; mas é que eu não quero que minha filha assista, por que ella é capaz de se metter no meio da desordem.

Cosme

Pelo que observo, esta sua filha é uma heroina grega ou romana, snr. morgado! Ella faz lembrar a Pantasilea do Virgilio, e outras façanhudas mulheres da historia antiga! Nos tempos presentes, sou a dizer a V. Ex.ª que a mulher quer-se fragil, meiga e timorata; e por tanto permitta que eu censure a educação que deu a sua filha!

Pantaleão *(docil)*

Que quer V. Ex.ª? É filha unica, ficou sem mãe muito cêdo, e foi creada á laia de rapaz, a trepar ás arvores, a atirar aos passaros, e a jogar o páo; em fim, confesso que andei mal avisado. Eu então achava-lhe muita graça; hoje não lhe acho nenhuma; mas já não posso emen-

dar a mão. É tarde; minha filha tem vinte e seis annos; hade ser difficil corrigir-se, só se o casamento fizer a mudança, e espero que faça.

Cosme

Se o casamento fizer a mudança! Ora essa! Pobre marido que não tem os focinhos direitos vinte e quatro horas! Eu cá por mim, snr. morgado, confesso que tive certos intentos matrimoniaes com ella; á vista, porém, das suas informações, declaro que desisto e renuncio, por que me não sinto com forças e habilidade para domesticar uma cobra-cascavel...

Pantaleão *(formalisado)*

Não consinto que o snr. Cosme chame cobra a minha filha!

Cosme

Isto é uma comparação rethorica, litterariamente fallando.

Macario

É rethorica... não se offenda V. Ex.ª;... talvez ignore que a rethorica é uma sciencia que permitte, a respeito de cobras cascaveis...

Pantaleão

Não quero saber de rethoricas: exijo que a filha do Pantaleão Cogominho de Encerrabodes seja respeitada! *(Volta as costas, e sáe bufando.)*

SCENA V

COSME E MACARIO

Cosme

Isto é uma familia de hotentotes! Cheiram ao sertão estes selvagens! Do que eu me escapei! Se caio nas mãos d'estes dois barbaros da edade media! Parece-me uma reliquia de ostrogodos esta gente! E vocemecê, snr, Macario, a

dizer-me que esta fidalga tinha uma educação fina!

Macario

Fina, não disse: hade perdoar-me, snr. doutor Cosme; eu disse-lhe que ella era finoria; de fina p'ra finòria vae differença, phisicamente fallando.

Cosme

Perdão. Vocemecê disse-me que ella tivera fina educação.

Macario

Isso então foi rethorica...

Cosme

Eu não admitto rethoricas em objecto tão sério como é o casamento! Olhem que educação fina a d'este anjo! Trepa ás arvores, atira aos passaros, e joga o páo! Que predicados estes tão mimosos para augmentarem as graças virginaes d'uma menina! Não lhe falta senão ves-

tir-se de homem, que é agora o trajar das senhoras innocentes das novellas e dos dramas. Uma menina que enfia os seus pezinhos n'umas botas de canhão, e rompe com elles por umas pantalonas dentro, fica a recender um aroma suave de amores que nem açafétida! E hade a gente persuadir-se que móra uma alma muito candida e muito pura dentro do peito que se albarda com um paletó de homem para arrotar francamente umas phrases de bomba real que nos fazem comichões nos miolos e arrepios na espinha! Arreda! olha o que me estava reservado para os quarenta e seis annos! Uma mulher assim paralisava-me as funcções do intellecto, e lá se me íam as minhas ovações parlamentares! Primeiro que tudo, sou do meu paiz, devo-me á regeneração da minha patria, sou homem publico; e um homem publico quando se casa deve fazel-o com dama que o não impeça nem apoquente. A femea natural do homem politico é a politica; a esposa, para os homens devotados aos interesses materiaes do seu circulo, significa tão sómente um supplemento vivo e util ás commodidades domesticas. Percebe vocemecê, snr. Macario?

Macario

Ora se percebo! A minha mulher cá para mim tambem é um supplemento ha muitos annos; e mais eu faço-a trabalhar na politica enchendo os bilhetes de votos na eleição. Diz V. Ex.ª muito bem, que nós os homens publicos não temos tempo para cuidar de mulheres... *(Reparando em Frederico)* Ahi vem o atheu...

Cosme

Vou-me safando que não quero palestras com este safio. *(Sáe.)*

SCENA VI

MACARIO E FREDERICO

Frederico *(encarando o outro com a costumada careta)*

O douto pharmacopóla está irado contra mim por que fui causa a interromper-se o escandalo do auto...

Macario

Eu não me metto com o senhor... Tenha a bondade de não embarrar cá por mim.

Frederico

A sciencia é sempre orgulhosa. Façamos pazes e alliança, snr. Macario Mendes. Eu, com a minha sciencia das coisas espirituaes e o snr. com a sua sciencia do bazalicão e do oleo de mamona, podemos dominar este concelho, reunidas as duas forças n'uma aspiração unica. Por que me faz guerra inexoravel e crua, snr. Macario? Que lucra em impedir o meu consorcio com a Morgadinha? Por que anda o snr. servindo de alcaiote d'este alarve de Guimarães, que é o trompão grandioso das maiores asneiras civicas assopradas na charanga parlamentar? O officio do snr. Macario, n'este negocio, desacredita um pharmaceutico, que reune ao conhecimento do gamão, sciencia não vulgar da historia dos doze Pares de França, e tem orvalhado com lagrimas os fastos sanguinosos de *Roncesvalhes*.

Macario

Vá mangar com o diabo que o leve... Eu lhe mostrarei brevemente quem é Macario Mendes... *(Sáe.)*

SCENA VII

FREDERICO, JOÃO LOPES, E CABOS

(As cantadeiras que no fim do 1.º acto acompanharam a morgada entram a cantar a moda com que se fechou o dito acto:)

D'onde vens, ó velha,
Eu venho da feira, etc.

(N'um intervalo da 1.ª á 2.ª trova João Lopes acerca-se de Frederico com disfarce)

João Lopes

Olhe, se foge, que o snr. vae levar pancada de crear bicho. Estão-se a preparar os valen-

tões. *(Frederico apita rijo. Apparecem de differentes sahidas 6 cabos de policia que escutam Frederico, em quanto se repete a cantilena. Finda a cantilena, ouve-se fóra o rumor da desordem, e o estalido dos varapáos. As cantadeiras fogem alvoroçadas a dar gritos.)*

SCENA VIII

FREDERICO, CABOS, UM DESCONHECIDO, E CAMPONIOS

Frederico *(com intimativa bellica)*

Formem em linha. Carregar armas!

Um cabo

Estão carregadas.

Frederico

Vamos ser atacados pelos desordeiros. Á voz de fogo, atirem. *(Vê-se atravessar a scena por*

entre o povo um Desconhecido de chapéo derrubado, o rosto coberto por um lenço, de caraça, polainas de briche nas pernas e pés, com um grosso páo de choupa. Proximos de Frederico os valentões param, com os páos cruzados nas pernas, gingando em attitude ameaçadora. Frederico, não se desvia dos cabos. De repente, rompem de fóra uns poucos varrendo o campo a pauladas.)

Frederico

Cabos de policia, sentido! Preparar armas! *(Sáe perto da bocca da scena o Desconhecido. Encosta-se ao páo observando os movimentos dos valentõos, os quaes vem já avançando, já recuando, crescendo sobre Frederico.)*

Frederico *(aos cabos)*

Aperrar armas! *(Uma paulada faz saltar a clavina das mãos d'um cabo. Os outros fogem. Frederico recúa, apitando rijamente. No maior aperto, o Desconhecido salta para a beira d'elle, descobre a choupa do páo, e arremette com os aggressores. Estes, forçados pela destreza, fogem,*

logo que o primeiro cáe d'uma paulada. A vozeria cresce no momento em que o palco está despejado. O Desconhecido trava do braço de Frederico, e o traz á bocca da scena.)

Frederico

Quem é o valente homem a quem devo a vida?! quem é?

Morgadinha *(arrancando o lenço do rosto)*

Sou eu! salvei-te, Frederico!

Frederico

Ó morgadinha de Val-d'Amores! Tu!.. oh! tu!.. Como és ideal e angelica! *(Ajoelhando.)*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO TERCEIRO



Salão da casa de Val-d'Amores. Mobilia antiga de couro de Moscovia. Reposteiros já envelhecidos com brazões. Alguns retractos. Um piano moderno.

SCENA I

PANTALEÃO E MACARIO

Pantaleão

Como eu lhe vinha contando, amigo e snr. Macario Mendes, minha filha, desde que começou a vestir-se á moda, e a tocar piano, está muito distrahida do troca-tintas do escrivão. Não anda por janellas, não sáe de casa, e gasta alegremente o seu tempo a tocar, a cantar e a vestir-se. Isto custa-me um dinheiro callado; mas dou-o por bem empregado.

Macario

E quem é que ensina a snr.ª morgadinha a tocar?

Pantaleão

É a mulher d'um sujeito que se estabeleceu ha pouco em Santo Thirso com loja de fazendas brancas...

Macario

Bem sei, bem sei.

Pantaleão

Foram lá as primas de Ruivães que fizeram a descoberta; mas o que tem muita graça é que o homem da mestra é tão ciumento que só a deixa ir a casas onde não ha homens...

Macario

Que tal pezêta é ella!..

Pantaleão

E para vir aqui, pôz por condição que a mulher só viria á noitinha acompanhada pelo marido que a deixa á porta, e vem por ella duas horas depois. Eu estive quasi a não aceitar tal professora por saber que o escrivão de fazenda estava muitas vezes na loja do marido; e receei que ella fosse medianeira d'alguma carta...

Macario

E tem rasão, snr. morgado... Veja lá!.. Olhe que o mundo é um covil de marotos!

Pantaleão

Não ha receio; que eu tratei de me informar, e soube que o logista pôz fóra da loja o velhaco do Frederico, por desconfiar que elle lhe trazia d'ôlho a consorte.

Macario

Não que sem licença d'elle não ha maior

desmoralisação n'este mundo! Aquillo tem mesmo idêas de Sardanapalo! Ainda bem que lhe está por um fio a ladroeira da repartição....

Pantaleão

Conte lá isso então. Em que termos está a bernarda? Rebenta hoje ou ámanhã?

Macario

Hoje. Está tudo alevantado quando fôr nove horas. Os sinos hão-de tocar a rebate nas quatro freguezias mais chegadas, e o povo cáe todo sobre Santo Thyrso, e faz cêrco para que o escrivão não possa escapulir-se; que elle é leve como uma penna, e quando a gente mal se precatar, vê-o fazer vispre, zêpe-zêpe *(expressão sibilante para imitar a rapidez da corrida.)*

Pantaleão

Se elle fugir, amigo Macario, deixal-o ir. Nada de o agarrar, que não vão os meus creados escadeiral-o e eu ter de o pagar por bom. O que

eu desejo é que elle não appareça mais em Santo Thirso. Lá a respeito da papellada isso é queimal-a toda; que depois o governo como não tem cadernos para a cobrança dos impostos, não o manda para cá a elle nem a outro.

Macario

Grande idêa é essa, snr. morgado! E o governo faz uma economia bem bôa. Se a gente fosse dando cabo dos empregados, ajudava o governo a fazer economias, porque depois não havia quem quizesse servir os empregos. O systema é um bocado violento para os empregados, mas eu não vejo outro meio de os ir acabando...

Pantaleão

Não acho isso humanitario!

Macario

Meu caro amigo e snr. morgado, eu sou homem politico ha trinta annos, leio jornaes, e tenho feito muita somma de deputados; conheço

por dentro e por fóra o paiz e as suas necessidades. Fique certo d'isto; em quanto se não dér fim a uma casa a que os jornaes chamam *burrocracia,* não se indireita a patria.

Pantaleão

Como se chama isso?

Macario

Burrocracia, que pelos modos é palavra de idioma francez, que vem a dizer empregado publico.

Pantaleão

Snr. Macario, vá indo cá com as minhas idêas moderadas. O melhor systema de se acabar com os escrivães de fazenda é queimar os cartorios. Eu lhe ponho uma comparação. Se eu queimar a palha que tenho, e não comprar outra, que me acontece á minha parelha de machos? Morrem de fome, não é verdade?

Macario

Isso é.

Pantaleão

Pois ahi tem: os escrivães, em se lhe queimando os papeis, não tem que roer.

Macario *(duvidoso)*

Nada; a comparação dos machos não me convence, queira V. Ex.ª perdoar. *(Com energia)* Matal-os, matal-os, é o grande *desideratum*.

Pantaleão

E os papeis? deixam-se ficar?

Macario

Os papeis queimam-se, queimam-se as casas, queimam-se os escrivães! Nada de cataplasmas emolientes; o paiz o que precisa é causticos e ventosas.

Pantaleão

Ora vocemecê, snr. Macario Mendes, sabe que no cartorio do tal pulha está o processo da execução que a fazenda nacional me move...

Macario

Por seis contos d'uma fiança dos bens dos frades, sei muito bem... Esteja descançado, que não ha de lá ficar papel em que se amortalhe um cigarro.

Pantaleão

Quem é o chefe da revolução?

Macario

Á falta d'homens por hora sou eu; mas não sei o que os commandantes das freguezias decidirão. Já ouvi rosnar que elles querem acclamar V. Ex.ª general em chefe.

Pantaleão

Homem, tire isso da cabeça ás freguezias. Vocemecê bem sabe que eu ando muito adoentado dos intestinos, e não posso deixar de tomar o meu banho de canôa á noute. Dinheiro, sendo preciso, algum darei para a revolução; mas entrar n'ella em pessoa não posso por causa d'esta molestia dos reins que me não deixa cavalgar; e vocemécê bem entende que um general em chefe a pé não tem geito, nem pode vêr de longe o inimigo, se nos fôr necessario entrar em batalha com o exercito. Dispensem-me portanto de tamanha honra.

Macario

Farei as diligencias; mas receio que...

SCENA II

OS MESMOS E A MORGADINHA

(A morgadinha traja na ultima moda, mas exageradamente. Vestido muito curto, sem alguma roda, apanhando-se-lhe cingido ás pernas; grande laço na cintura posteriormente; sapatos de salto dourado; cabelleira com estupendos tufos encaracolados.)

Pantaleão

Vens para o piano, Joanninha?

Morgadinha *(pondo luneta d'oiro)*

Sim, papá, vou estudar a minha lição de escala. *(Senta-se ao piano.)*

Macario *(á parte, benzendo-se espantado do trajar da morgada)*

Que desmoralisação! Isto é o peccado em carne e ôsso!

Pantaleão

Está vocemecê admirado d'estas modas, amigo Macario!

Macario *(ironico)*

São bonitas... *(Grave)* Mas não acho isto decente para a observancia dos bons costumes.

Morgadinha

Que quer? é moda; andam assim todas as senhoras do tom.

Macario

Do tom? Sem tom nem som. As minhas filhas assim não hão de vestir, se Deus quizer.

Morgadinha *(voltando o rosto com aborrecimento)*

Então as suas filhas são senhoras?

Macario

D'aquella massa se fazem, snr.ª morgada...

Morgadinha *(dedilha nervosamente nas teclas)*

Adeus, adeus. Temos historia!

Pantaleão *(a meia voz)*

Não a zangue... Deixe-a lá... Tomára eu que ella se entretivesse com os vestidos...

Macario

A cabeça... está feito, mas as pernas a vêr-se-lhe, snr.ª morgada! Assim não se podem observar os bons costumes... *(A Morgadinha canta acompanhando a escala, e desafina quando guincha as notas das oitavas altas. Macario Mendes, offendido pela desharmonia, faz caretas.)*

Pantaleão

Ainda não sabes cantar modinha nenhuma, menina?

Morgadinha

A mestra não quer que eu cante modinhas; aprendo a escala que é o essencial. *(Repete a escala, e quando principia a desafinar, Macario despede-se, apertando a mão a Pantaleão.)*

Pantaleão

Veja lá os meus papeis, snr. Macario.

SCENA III

OS MESMOS E JOÃO LOPES

João Lopes *(trazendo castiçaes com luzes)*

Está na sala de espera a snr.ª mestra pianista e mais o marido.

Morgadinha

Está! Papá, é preciso sahir, tenha pacien-

cia. Bem sabe que ella, se vir homem aqui, não entra.

Pantaleão

Está bom pedaço d'asno o marido! Então elle não sabe que eu sou um homem sério!

Morgadinha

Que quer o papá! Já lhe tenho dito que póde entrar segura de que não ouve palavra que a offenda; ella bem o sabe; mas o marido, se souber que a mestra fallou com um homem, seja elle quem fôr, não a deixa voltar.

Pantaleão

Com certos individuos tem elle rasão; mas nem todos são como o devasso escrivão de fazenda, que lhe andava a fazer a côrte á mulher, e por isso foi posto de lá para fóra. Acho justo que elle se acautele dos tratantes; mas de mim... parece-me bestialidade! Emfim cá vou. *(Sáe.)*

SCENA IV

MORGADINHA, JOÃO LOPES E DEPOIS FREDERICO

Morgadinha

Póde entrar a snr.ª D. Thomazia.

João Lopes *(para dentro, levantando o reposteiro)*

Póde entrar a snr.ª D. Thomazia. *(João Lopes sáe, assim que entra a supposta mestra. Frederico vestido de mulher, o rosto coberto de véo espesso, e cachos. Chapéo antiquado de orelhas, que lhe ajudem a cobrir a cara. Vae direito ao piano. Vê-se a cabeça de Pantaleão que espreita por uma fimbria do reposteiro. João Lopes tosse.)*

Morgadinha *(alto)*

Passou bem, snr.ª D. Thomazia!.. *(Baixo)* Não me falles que meu pae está espreitando, em quanto João Lopes tossir... *(Tocam e can-*

tam a escala. Frederico canta em falsête a duo. Desharmonia nas vozes.)

João Lopes

O snr. morgado já está no pateo a conversar com o marido do snr. Frederico; estejam á vontade que eu vou para o postigo da escada. Quando eu tossir, vejam lá...

Frederico *(levanta o véo, abraçando o velho)*

Este João Lopes é um prodigio de dedicação! é o typo genuino do antigo creado portuguez! Se eu realisar os meus sonhos, João Lopes, você ha de progredir na escala das importancias sociaes... Eu hei de arranjar-lhe a você um habito de Christo!

Morgadinha

Deixa-o ir, deixa-o ir... *(João Lopes sáe.)*

Frederico *(tomando-lhe as mãos calorosamente)*

E os nossos sonhos vão realisar-se, minha fada! Oh! *(contemplando-a absorto)* que deslumbrante! que eclipse estás fazendo nos anjos do céo! Não és só uma bellesa! és um milagre! uma gloria! uma divinisação! Não ouso beijar-te as mãos... Os pés, os pés! Estes pés requerem tapêtes de labios e almofadas de corações! Consente que t'os beije, houri!

Morgadinha *(desviando-se)*

Não sejas tôlo! Gostas de me vêr assim?

Frederico

Se gosto!.. Sinto delicias que atormentam, amor que me rescalda as fibras intimas do peito! Luz, luz que me cégas, faz-te lavareda, e... devora-me!

Morgadinha

Vamos ao caso... Como estão os negocios?

Frederico

Logo que chegarmos a Lisboa, te-
de que será consagrado nos al-
mor. Poderiamos evitar a fugida,
a tua emancipação, visto que já
seis annos; mas, como receias que
nado logo que requeiras ao juiz,
tua vontade. *(João Lopes tosse.*
rapidamente ao piano, tocando e
cala. Depois, a Morgadinha vae
quanto Frederico toca uma valsa
obriga a Morgadinha a fazer al-
dança. Frederico, arrebatado do
so d'ella, ergue-se de mãos postas
tos de enlevado.)

Lopes *(mettendó a cabeça)*

nversar, que elle passou para a

ederico *(com transporte)*

nente grande nas minimas baga-
anidade! Se lanças o pé quebra-

diço e chinez em attitude dançante, sacodes e impelles brazas á minha alma. O pavimento arde debaixo dos teus pés lindissimos. Tudo que fazes mata e aviventa. Como não serás esbelta, nos salões de Lisboa, princeza dos bailes, a rodopiar vertiginosamente nas valsas, nos cotillons, nos lanceiros, na doidice sublime em que ha um espadanar de felicidade por todos os póros! O' Joaninha, deixa-me sonhar! *(Fixa os olhos espantados no tecto da platêa. Musica surda)* A minha vida vae ser uma etherisação de todas as potencias espirituaes. Embriagado nas taças nectáreas do céo, viverei enlevado nos arrobos da minha embriaguez... Esse rosto em que se espelham as formosuras não vistas de Angelos nem de Raphaeis, será o meu Al-korão, porque o summo artifice escreveu ahi a suprema estrophe do seu poema. Quando os teus olhos se abrirem ao diluculo da manhã, vêr-me-has de joelhos a beijar os teus cabellos; quando os fechares, cansados de serem beijados, e as sedosas palpebras se cerrarem como conchas ciosas de suas perolas, eu me quedarei a teus pés velando que os sylphos amorosos da noite não ousem perturbar o teu dormir. Oh! Joanna, Joan-

na! *(Ajoelha-se-lhe aos pés. João Lopes tósse com maior força. A morgadinha adverte em vão Frederico que continúa no seu arrebatamento:)* Abre-me aqui já o sepulchro, se em alguma hora hei de sentir-me orphão dos teus carinhos... *(Pantaleão ao fundo, erguendo o reposteiro.)*

Morgadinha

Ah!

Frederico *(sobresaltado)*

Ó diabo! *(Desce o véo. Canta qualquer aria conhecida no acto de ajoelhar, e cantando, diz perceptivelmente á Morgadinha:)*

Diz a teu pai que a mestra
Para melhor te ensinar,
Te está cantando uma ária
Das que se usa cantar
No Theatro de Lisbôa:
Prega-lhe a pêta, que é bôa;
E se esta nos não salva,
Nada nos póde salvar.

SCENA V

OS MESMOS E PANTALEÃO

Pantaleão *(ao fundo)*

Então que é isso?

Morgadinha

É a minha mestra que me está ensinando uma aria das que se cantam no theatro de Lisbôa.

Pantaleão

Ella tem a voz tão grossa! Não parece voz feminina!

Morgadinha

Ella canta na voz que quer.... Então o papá já se esqueceu que o marido d'ella...

Pantaleão

Está bom, está bom; eu vou-me embora. Lá estive conversando com o marido da senhora, e lhe disse que não tivesse ciumes que eu sou um velho!... Aquelle seu marido parece-me um doudo!.. *(Rindo)* Ora andem lá, andem lá. *(Sáe.)*

SCENA VI

FREDERICO, MORGADINHA E JOÃO LOPES A INTERVALOS

Frederico

Salvei-te ou não? Tu salvaste-me com a força, na romaria; e eu aqui, salvei-te com o genio! Vês como o amor me deu espirito n'um trance difficil? Fazes maravilhas de perspicacia e finura, tu, com a magía dos teus olhos, ó formosa! *(Ouve-se toque a rebate de sinos, que sôa de diversas longitudes. Rumôr longiquo de vozes.)*

Morgadinha

Que será isto!? Ó João Lopes!

João Lopes *(dentro)*

Que quer, snr.ª morgadinha?

Morgadinha

Sabes a que tocam os sinos? é fogo?

João Lopes *(dentro)*

Fogo não me parece. Acho que é bernarda. Estou cá á janella a vêr se entendo a gritaria.

Morgadinha

Diz que é bernarda...

Frederico *(alvoroçado)*

Horrivel! oh! horrivel! Isso bole sériamen-

te comigo, comtigo, com nosco, com o nosso futuro, Joanna!

João Lopes *(dentro)*

É revolução.

Morgadinha

Revolução!

Frederico

Não ouves a fatalidade que esbraveja? Terei eu de perder-te, archanjo?

Morgadinha

Qual perder-me! Importa-me cá a mim a bernarda! Hei de ser tua! Não temas, Frederico, que eu sou forte!..

João Lopes *(na scena)*

Já intendi o que elles dizem... Dão morras

aos papeis, e que se queime o escrivão da fazenda... E trazem musica... Ouvem?... *(Ouve-se distinctamente, mas ainda longe, o hymno da «Maria da Fonte», á mistura com os «môrra!»)*

João Lopes

O snr. morgado está na torre a ouvir. Agora bom será que o snr. Frederico se escape, senão desconfio que o matem, sendo aqui pilhado... *(Frederico apanha as saias na cintura para poder fugir. A Morgadinha agarra-o.)*

Morgadinha

Não te deixo sahir agora, que é perigoso.

Frederico *(muito inquieto)*

Morrer aqui, seria uma morte ingloria, Joanninha! Dá-me armas que eu quero defender-me com uma bravura digna de ti! Armas! armas! um revolver de doze tiros! Quero armar-me até aos dentes, e combater, e morrer gloriosamente ao teu lado!

Morgadinha

Frederico, tu estás maluco!.. Olha que elles não vem cá... Não percas o juizo!

Frederico *(muito á tragica, alludindo ao estrondo da gritaria)*

Não vem? Vem! Escuta! escuta! Não ouves o bramido do tigre popular? Olha... é o leão que ruge, partidos os grilhões de respeito á lei! É a Libia e a Hircania a vomitarem féras! Olha o lago sujo como se levanta em vagalhões e como elles roncam!

Morgadinha

Vem então esconder-te, vem esconder-te!

Frederico

Não! Um homem não se esconde quando olhos como os teus são testemunhas de tamanha covardia! É mister ser heroe!.. Mas eu estou vestido ignobilmente! *(Arranca os vestidos mu-*

lheris: fica de quinzena; mas conserva o chapéo e os boucles) Agora, armas! armas! *(A morgada ri-se apontando-lhe para a cabeça.)* Por que ris tu, mulher forte! porque ris tu, se fazes favor?!

Morgadinha

Tira a cartola e os cachos, meu amor.

Vozes *(que sobrelevam o estrondo dos figles)*

Morra o escrivão de fazenda! morra! *(Grande catharro de João Lopes.)*

Frederico

É chegada a hora! Dá-me um abraço, querida! Um abraço! e até ao reino eterno! As nossas nupcias são no céo!.. *(Aponta para o tecto e fica como extactico; em quanto a Morgadinha vae rapidamente dentro, e sáe com dous bacamartes de bocca de sino.)*

Morgadinha

Aqui tens um bacamarte; defende-te, que eu te defenderei tambem! *(Ella aperra o bacamarte.)*

SCENA VII

OS MESMOS, PANTALEÃO E JOÃO LOPES

Pantaleão *(estupefacto)*

Que vejo? que é isto? como entrou este homem aqui?

Frederico *(atirando ao chão o bacamarte)*

Venho offerecer-me á vingança de V. Ex.ª

Morgadinha

Meu papá, o snr. Frederico vem pedir-lhe a minha mão de esposa!

Pantaleão

Das duas uma: ou o senhor foge, ou é espatifado pelo povo!

Frederico

Não sei fugir: sei morrer.

Pantaleão

Mas vá morrer a casa do diabo; não quero que o matem aqui.

João Lopes

V. Ex.ª tem rasão; matal-o aqui é máo: o melhor é eu ir escondêl-o no meu quarto; porque, se o povo o achasse aqui a estas horas, os creditos da menina não ficavam com muita saude.

Pantaleão

Pois vae escondêl-o... some-o no inferno!

Morgadinha

Meu pae, se Frederico fugir, fujo eu; se elle morrer, morre sua filha, sua filha unica, a sua Joanninha, a luz dos seus olhos! Meu papá *(ajoelha-lhe)* eu já não posso deixar de ser esposa de Frederico, e juro que sou d'elle na vida e na morte! *(Ergue-se: conduz Frederico pela mão, e ajoelha com elle)* Dê-nos a sua benção, querido papá!

Pantaleão

Nunca! nunca! *(Ouvem-se fóra as acclamações.)*

Morgadinha *(erguendo-se soberba)*

Então, não tenho pae! tenho só marido! Se o povo o matar, ha de vêr morrer-me ao pé d'elle... mas vingada!.. *(Lança mão do bacamarte)* Que entre o povo!

Pantaleão

Em que apêrtos me vejo! Rebenta-me o coração!..

João Lopes *(muito commovido)*

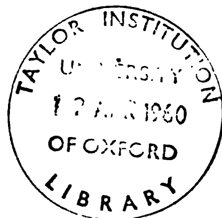
Snr. morgado!.. Olhe que perdemos a nossa menina!..

Pantaleão *(a Frederico)*

Esconda-se n'aquelle quarto, homem... Depressa...

Frederico

Obedeço, por que m'o ordena o pae d'este anjo. *(Sáe com João Lopes.)*



SCENA VIII

PANTALEÃO E A MORGADINHA

Pantaleão

Perdi a cabeça!.. Estou doudo... não sei o que vinha aqui fazer!.. Ah!.. onde está a pianista, que está alli fóra o marido á espera...

Morgadinha

A pianista?..

Pantaleão

Sim, a pianista onde está?.. *(Olha para o chão, tropeçando no vestido de mulher)* Que é isto? *(levantando o chapéo e os caracoes)* Que é isto?! que é isto, Joanna?..

Morgadinha *(afflicta)*

Isso? Ah! meu pae, que eu morro, se me apoquenta muito!..

Pantaleão

Então a pianista era... era o escrivão?!..

Morgadinha *(soluçando)*

Era, sim, snr.!

Pantaleão

Que sucia de tratantadas se passam n'esta casa!.. e eu a conversar com o patife do logista que se dizia o marido d'esse velhaco!..

Morgadinha

É meu espôso... perdôe-nos...

Pantaleão

Tu és o demonio, mulher!

Morgadinha

Sou uma infeliz apaixonada... Ó meu papá,

tenha piedade! Olhe que o Frederico é muito bom môço. Se não é fidalgo hoje, póde sêl-o ámanhã. O papá bem sabe que os fidalgos agora se fazem d'um dia pr'ó outro.

Pantaleão

Ergue-te, ingrata, que déste cabo de teu pae! *(Rompe a musica pelo interior da casa, com grande vozeria, tocando o hymno.)*

SCENA IX

JOÃO LOPES, PANTALEÃO, MORGADINHA, MACARIO

(A musica, na vanguarda, ladeia para dar passagem a Macario vestido de official de ordenanças, mas com chapéo embicado. Traz uma espada empunhada, e outra debaixo do braço, seguem-no 12 commandantes subalternos, vestidos a capricho, uns com chapéo redondo e banda e dragonas, outros de barretina e niza. Um d'estes arvora uma bandeira de varias côres.)

Macario

Viva o snr. morgado de Val-d'Amores, general em chefe das forças populares do Minho!

Vozes

Viva! *(Cala-se a musica.)*

Macario *(á frente dos revolucionarios com enfaze oratoria)*

Snr. morgado! As forças populares de seis freguezias que ahi estão reunidas fóra no terreiro d'esta illustrissima casa, mandaram-me a mim, á frente dos seus doze commandantes que se acham presentes, declarar a V. Ex.ª que por voto geral foi acclamado general em chefe d'esta provincia. Eu lhes fiz um eloquente discurso para os tirar d'essa ideia, allegando com o meu gráo de pharmaceutico que V. Ex.ª soffria dos intestinos e d'outros incommodos intestinaes; mas elles não me attenderam e obrigaram-me a vir offerecer a V. Ex.ª a espada de general em chefe. Aqui está por consequencia esta valente espada que matou em 1810 muita somma de francez do Junot, e que ha de nas mãos de V. Ex.ª limpar este paiz de escrivães de fazenda e outros mariolas que nos desgraçam. Receba V. Ex.ª das minhas mãos esta espada e salve com ella a patria do snr. D. Affonso Henriques!

Os commandantes

Viva o snr. boticario! Viva!

Macario

Obrigado, valentes guerreiros! *(A musica executa uma marcha muito compassada. Macario caminha a passo solemne e cadencioso com a espada offerecida segura pela lamina, levando a sua na bainha. O morgado faz signal de que quer fallar. Silencio.)*

Pantaleão *(commovido)*

Snr. Macario Mendes, e mais Senhores! Grande impressão me fizeram as vossas palavras e não pude deixar de me commover... Estou realmente commovido, e sinto-me abalado com tanta honra; mas sinto muito dizer-lhe que as minhas doenças e outras desgraças me não permittem tomar o commando das valentes forças populares que representaes. Não posso, senhores, não posso. Se a fortuna me tivesse dado um filho, essa espada estaria já nas mãos d'elle.

Morgadinha *(tirando a espada da mão de Macario)*

Está nas mãos de sua filha esta espada; e, como infelizmente, sou mulher, ha de haver um homem a quem meu pae chame filho, e elle será digno d'ella! *(Chamando)* Frederico! Frederico!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS E FREDERICO

Frederico *(ajoelhando diante da morgadinha)*

Sim! sim! recebo de vossas mãos, Senhora, a espada que ha de decepar as infinitas cabeças da hydra financeira! *(Espanto geral.)*

Macario

Como se entende esta caranguejola, snr. morgado!?

Pantaleão

Snr. Macario... esse homem... vae ser... vae ser... Eu desmaio!

João Lopes

Vae ser o marido da menina... *(a Pantaleão)* Faça favor de não desmaiar, por quem é!

Frederico *(com vehemencia e fogo)*

E o marido da morgadinha de Val-d'Amores vae conduzir-vos á victoria, briosos populares! Eu vos ensinarei a calcar tyrannos! Auxiliado por vós, intrepidos filhos do norte, levantaremos o paiz das palhas pôdres em que o prostraram os comilões. Eu fallo assim, porque cada nação, nas horas criticas, tem o seu Vigor Hugo, o seu salvador por meio da rethorica. Vamos a elles, filhos da victoria! As nossas bandeiras desenroladas aos ventos das batalhas, dirão: Riqueza e Moralidade! Em menos de quatro annos de regimen moral, e dieta aos lambões, o paiz não deverá nada, e vós não pagareis um pataco de decima.

Vozes

Apoiado!

Frederico

Cidadãos! Eu tenho estudado profundamente as doenças de Portugal e pude descobrir onde está o cancro que nos róe. Ahi vae o meu programma: O meu systema é dividir o paiz em republicas confederadas, cada republica tem seu presidente de eleição popular, quero dizer, cada conselho governa-se a si, e não quer saber do conselho visinho. Não sei se me percebem...

Macario

Muito bem, entendemos muito bem.

Frederico

Por exemplo: Santo Thyrso fica sendo uma republica, que não tem nada com a republica de Famalicão, nem com a republica de Fafe. Nós cá vivemos com o que é nosso, fazemos as

nossas despezas, e não damos nem vintem aos de fóra.

Vozes

Apoiado! apoiado!

Frederico

Aqui está o meu systema que ainda não lembrou a ninguem, e que é o resultado de quinze annos de estudo. Conseguido isto, não temos a sustentar tropas, *(Apoiados)* nem as estradas por onde andam os outros, *(Apoiados)* nem theatros onde os outros se divertem, *(Apoiados)* nem escrivães de fazenda. *(Apoiados)* E declaro que me dou já por demittido do meu logar, e levanto minha voz auctorisada bradando: Guerra e morte a todos os escrivães de fazenda! *(Os populares desembainham as espadas, e bradam: «guerra de morte!»)* E, por tanto, senhores, beijo esta espada, e leio na sua lamina os novos destinos que vão alvorecer para Portugal! Recebi-a da mão do anjo protector das nossas tremendas batalhas! E concedei, cidadãos, que essa ban-

deira seja arvorada nas mãos da Judith lusitana! Não mais cahirá aos pés de vencedor algum o estandarte que foi consagrado pela filha d'este honrado fidalgo! (*Frederico, tem passado a bandeira á Morgadinha, a qual se colloca de maneira que o pae fica entre ella e Frederico.*) Bravos sycambros de Santo Thyrso! agora, á victoria, á victoria que a patria nos chama! Está inaugurada a republica confederada de Santo Thyrso! Toque o hymno! (*Os musicos executam. Frederico florea a espada com arrebatada bravura. A morgadinha agita a bandeira. Os commandantes fazem tambem seus ademanes de valentões. João Lopes sentado com os queixos entre as mãos contempla tudo aquillo. Corre o panno.*)

FIM.

ENTRE A FLAUTA E A VIOLA

ENTREMEZ EM UM ACTO

PERSONAGENS

ANICETO DA SILVA, pae de
VICTORINA.
GUTERRES ARTHUR DE MIRAMAR.
JOSÉ PIMENTA.
UM CREADO.

ACTO UNICO



Salão de estalagem em Barcellos. Quartos numerados desde 1 a 12, occupando os lados, e parte do fundo. Um d'elles o n.º 10 tem sobranceira á porta uma vidraça ou bandeira. Sobre um canapé de palha está uma viola franceza.

SCENA I

(Ao erguer o panno vem entrando Aniceto e Victorina precedidos de um creado com dois saccos de noute e castiçal.)

ANICETO, VICTORINA, CREADO

Aniceto

Vamos a saber: temos dois quartos limpos e camas asseadas onde se passe a noute?

Creado

Hade haver.

Aniceto

Ha de haver?! Pergunto se ha.

Creado

Faça favor de entrar aqui para o n.º 6; e acolá defronte está o n.º 10 tambem de vago. *(Põe a bagagem dentro dos quartos.)*

Aniceto

Então os outros estão occupados? Pelo que vejo reuniram-se muitos viajantes em Barcellos. Teem bom gosto! Quem está hospedado cá?

Creado

Nos n.ºs 1, 3, 5, 7 e 9 estão as snr.as fidalgas de Lanhoso, que são seis velhas.

Aniceto

Que faz por aqui esse mulherío?

Creado

Vão para os banhos da Povoa. V. S.ª faça favor de fazer pouca bulha que ellas recommendaram-me todo o socego, que queriam dormir.

Aniceto

Pois que durmam. Ora que me importa cá a mim as fidalgas de Lanhoso!

Creado

V. S.ª toma alguma cousa?

Aniceto

Queres chá, Victorina?

Victorina

Não quero nada. Quero deitar-me, que estou moída. O meu quarto é aquelle? *(Apontando para o 10.)*

Aniceto *(indo examinar o quarto)*

Para onde deita aquella janella?

Creado

Para o quintal.

Aniceto *(indeciso)*

Para o quintal? está bom... Vá... Vae-te deitar, menina. *(Ao creado)* Vá você buscar outra luz. *(O creado sáe.)*

SCENA II

ANICETO E VICTORINA

Victorina

Boas noutes, meu pae.

Aniceto

Boas noutes. Se fôr preciso alguma coisa, bate na porta trez palmadas.

Victorina

Ai! *(Gemido longo.)*

Aniceto

Deixemo-nos de ais, Victorina. Juizo, juizo e juizo! *(Victorina recolhe-se. O pae fecha a porta, e tira a chave.)*

SCENA III

ANICETO E O CRIADO QUE VEM COM O CASTIÇAL

Aniceto

Diga-me cá vossê...

Creado

Meu amo, que manda?

Aniceto

Por aqui é tudo femeas, ou tambem ha machos?

Creado

Machos?!

Aniceto

Sim, homens! Se estão homens n'estes quartos.

Creado

Já disse que não, meu amo. Não ha homens.

Aniceto

Da banda do Porto não veio passageiro nenhum?

Creado

Não snr.

Aniceto

Está bom; dê cá você a luz e vá-se embora. Ás 7 da manhã, chame-me se eu não estiver a pé, ouviu?

Creado

Sim snr. *(Aniceto recolhe-se, e fecha-se por dentro.)*

SCENA IV

GUTERRES E O CREADO

Guterres *(com um sacco de viagem)*

Olá, Gregorio!

Creado

Por cá, snr. Guterres! Como está V. S.ª?

Guterres

Bom, Ha quarto?

Creado

Hade haver. D'onde vem?

Guterres

Da Povoa. Venho no rasto d'uma mulher divina que veio n'um carro. Está cá?

Creado *(rindo)*

Ora V. S.ª que ha de sempre andar atraz de mulheres! Com esta é a setima vez que o vejo n'este fadario! E o maganão sabe-as escolher!

Guterres

Então viste-a, viste-a? Boa de lei, eim? Onde está ella?

Creado

Alli no n.º 10.

Guterres

Alli? Oh! que perola se esconde n'aquella feia concha! Quem dirá que o meu ideal sonhado ha trinta e seis annos está na estalagem de Barcellos! Alli! n'aquelle antro!

Creado

Sempre V. S.ª está um poeta d'aquella casta! Lembra-se da filha do regedor de Guilhabreu que cá esteve na festa das Cruzes ha cinco annos?

Guterres

Lembro. Era uma trigueirita d'olhos pretos...

Creado

E os versos que V. S.ª lhe botou? a gente sempre se ria...

Guterres

Ah! vocês riam-se dos versos? Tens tu a fe-

licidade bestial de te rires da poesia? O talento póde contar com o couce até em Barcellos... Ora vamos... onde tenho eu quarto?

Creado *(indicando-lhe um do fundo)*

Está alli o n.º 11.

Guterres

Bem. Pódes ir. *(Entra na alcova. O creado sáe.)*

SCENA V

ANICETO SAHINDO COM O CASTIÇAL EM PUNHO

Não posso adormecer com a idêa de que ha uma janella no quarto de Victorina. Aquelle maldito não me deixa socegar em parte nenhuma. Receio que elle me siga por que o lobriguei quando passávamos em Vallongo; e ella tambem o viu. Quem me diz a mim que o tratante

nos não persegue, e anda á volta da casa? Cuidar aquelle valdevinos que se póde com uma flauta arranjar uma rapariga com fortuna! Ha dous annos que minha filha está enfeitiçada por um trocatintas d'um estudante que conseguiu seduzir o coração d'uma menina que regeitou os melhores casamentos de Penafiel e Amarante! Afinal, não hasde vencer, sarrafaçal! Eu tolherei todos os teus calculos. Não me pilharás descuidado um instante! Mas aquella janella assusta-me. Vou fazer mudar Victorina para o meu quarto. *(Olhando para o alto da porta)* E de mais a mais esta porta tem vidraça em cima. Se elle aqui entrar, ella póde vêl-o d'alli... Que imprudencia eu ia commettendo! *(Bate á porta)* Victorina, Victorina!

Victorina *(dentro)*

Quem é?

Aniceto

É teu pae. Já estás na cama?

Victorina

Não, snr.

Aniceto

Que estás a fazer?

Victorina

Nada. *(Dando volta á chave.)*

Aniceto

Nada? Posso entrar? *(Áparte)* Lá está ella a descer a vidraça. *(Alto)* Posso entrar?

Victorina

Póde.

Aniceto

Estavas á janella?

SCENA VI

ANICETO E VICTORINA SAHINDO DA ALCOVA

Victorina

Ai!

Aniceto

Que estavas a fazer na janella?

Victorina

Ora o pae tem manias! Credo! que havia de eu fazer na janella! Estava a tomar a fresca. Não tinha somno, não podia dormir, estava muito afflicta, muito opprimida, muito abafada, abri a janella, ai!

Aniceto

Pois sim, sim, minha menina. Assim será; mas troquemos os quartos. Vae para aquelle,

que eu vou para este. Dá cá o teu sacco de noute. Vamos. Leva o castiçal. Dá-me o meu sacco. Muito bem. Agora entra...

Victorina *(entrando)*

Oh céos!

Aniceto

Sim, sim. *(Fechando a porta, e tirando a chave)* Agora vou descançado. *(Recolhe-se.)*

SCENA VII

GUTERRES

(Caminhando contemplativo com o castiçal em punho e os olhos postos no quarto d'onde sahiu Victorina. Pousa o castiçal.)

Ella alli está, a formosa como a rolinha adormecida com o bico debaixo da aza; e eu venho aqui dar pasto ao coração;... mas que

pasto tão pouco nutriente! Pobre poeta! todo o teu alimento são esperanças! Em quanto a gente prosaica se embrutece com timbaes de pombos e pasteis de camarão, tu, poeta *(batendo no peito)* engoles timbaes de esperanças com pasteis de sonetos. Eu já sou do tempo em que um homem de genio amava com o auxilio dos sonetos, e fazia consistir toda a sua gloria de fino amante em gargarejar ternuras para um terceiro andar e recolher-se a casa com o coração a trasbordar de catarro. Hoje não. Os anjos actuaes se apparecem de noite á janella é para namorar a lua, ou vêr a cauda d'algum cometa. Desde que entrou a moda do amor ideal, os olhos d'uma senhora, que conversa com as estrellas, não descem a procurar na rua um d'estes amadores fanhosos, que só se sentem inspirados e eloquentes na occasião em que a patrulha os não deixa fallar. Eram d'uma paciencia adoravel as donzellas de ha vinte annos, quando em meu coração rebentavam as primeiras flôres!.. Que sensaborias a gente lhe disparava lá para cima, e a sancta resignação com que a gente as ouvia a ellas! A virtude d'aquelle tempo só se explica bem pela temperatura de

sorvete em que os corações se conservavam de parte a parte. Isto agora é outra coisa. Um homem sente no peito o progresso material. Aqui dentro ha gaz, ha vias-ferreas, ha fio electrico, ha balões, ha petroleo, ha tudo quanto é fogo, energia, rapidez, etc. Eu cá pelo menos sinto isso tudo; conheço que remoço, que amo e que ardo. Tenho phosphoros e ácido prussico aqui dentro. *(batendo no peito)* E esta mulher! Como eu amo esta mulher desde que a vi hontem na Povoa de Varzim! Eu, na minha qualidade de escrivão do juiz eleito, estava a escrever n'um processo, quando ella passava luminosa e radiante como uma aurora boreal. Larguei o processo como largaria um sceptro, se fosse rei. Segui-a; vi-a jantar á meza redonda do hotel portuense. Comeu apenas uma aza de borracho e meia banana. Que estomago tão fino! É que alli está um coração immenso cheio de ternura e com mais poesia que um livro de versos. Sahiram, e eu segui-os. Vi entrar o pai n'um escriptorio de viação e comprar dous bilhetes. Perguntei para onde iam os passageiros; disseram-me que para Barcellos. Pedi bilhete; mas não havia. Ó desventura! que farei? ficar? não! Ha

fatalidades invenciveis, funestissimas! Esta mulher tem o meu destino nas suas mãos; disse eu comigo. Cumpre-me seguil-a. Mas que farei? Não ha bilhete. Embora. Alma de poeta, exclamei eu, não succumbas! Heroicidade na desgraça, homem de coração de bronze! Segue-a! segue-a! Fui alugar um garrano, e segui-os a galope, terra a terra, a rédea solta, receando a cada passo que o coração e o garrano me rebentassem. Aqui estou. Ó mulher, mulher quem és tu? Ave do paraizo, que estás sonhando delicias do teu Éden, lembra-te, ó Eva, que és costella do homem, e que está aqui Adão digno de ti. *(Repara na viola.)* Uma viola franceza! *(Pega d'ella e corre-lhe as cordas.)* Está desafinada. Oh! que saudades me tu fazes, instrumento interprete das minhas paixões infantis! Que trovas eu descantava em noites de lua cheia ao arpejar dos teus bordões que gemiam comigo! *(Pensativo)* Quem sabe? *(vai afinando)* Quem sabe? Se tu fizesses o milagre, ó lyra das canções apaixonadas! Vamos! é o fado que me impelle; mas não vou tocar o fado. Inspira-me, coração, umas trovas dignas do anjo que alli está dormindo. *(Avisinha-se da porta, onde presume que*

está Victorina, e preludía com tregeitos de vate que invoca a inspiração do céo, e canta:

(MUSICA DA «ALTEA, MIMOSA ALTEA»)

Se tu soubesses, lindinha,
Quanto é grande o meu amor
Não dormiras descançada
Quando eu morro aqui de dôr.

(Allegro)

Acorda menina,
Não durmas agora,
Em quanto se fina
De dôr quem te adora.

Eu na Povoa descuidado
Já não sentia disvelos,
Eis que surges luz brilhante,
E eu te sigo até Barcellos.

Acorda, menina,
Não durmas agora,
Em quanto se fina
De dôr quem te adora.

SCENA VIII

ANICETO E GUTERRES

(Aniceto abre a porta, e sáe de barrete de dormir e rob-de-chambre, com a luz na mão. Guterres recúa espavorido.)

Aniceto

Passasse muito bem.

Guterres

Viva.

Aniceto

Eu já vi o senhor se não me falha a memoria.

Guterres

Sim, senhor, já tive a honra de jantar na meza em que V. S.ª estava na Povoa.

Aniceto

É verdade. Pois snr., V. S.ª canta e toca muito bem; n'outra occasião muito lhe agradecerei o prazer de o ouvir; mas agora pedia-lhe o obsequio de se calar, porque tenho de seguir amanhã viagem e preciso dormir...

Guterres

Pois não, senhor! Eu deponho já o instrumento importuno.

Aniceto

Agradeço muito a sua delicadeza. Se não fosse indiscreto, perguntaria com quem tenho a honra de fallar?

Guterres

Sou Guterres Arthur de Miramar, para o servir.

Aniceto

Então é estrangeiro? Esse nome não me parece de cá.

Guterres

Sou portuguez nascido e baptisado na Povoa, onde exerço funcções publicas.

Aniceto

Ah! exerce funcções publicas? Esse emprego deve ser bem bom.

Guterres

Soffrivel; mas vivo mais do espirito que do funccionalismo. Sou homem de bastantes lettras.

Aniceto

Ah! de bastantes lettras? então é capitalista... Eu tambem trago um pouco de dinheiro em descontos... O juro por aqui como regula?

Guterres

O juri? está favoravel. Um amigo meu empenhou o relogio a doze por cento ao mez. V. S.ª é do Porto?

Aniceto

Não senhor, sou de Penafiel, onde sou bem conhecido por Aniceto da Silva.

Guterres

Oh! pois não, snr. Aniceto! E anda pelo Minho a divertir-se com sua ex.ᵐᵃ filha?

Aniceto

A divertir-me não... Isso são contos largos... se V. S.ª por aqui estiver ámanhã, conversaremos. Agora boas noutes, que são horas de dormir.

Guterres

Tem razão, tem razão... Boas noutes. *(Aniceto fecha-se.)*

SCENA IX

GUTERRES

Ora ahi está a deidade, que eu eternizei nos meus versos! As esperanças de muitos poetas, quando se realisam, são pouco mais ou menos como esta. Este Aniceto, offerecendo-se aos meus devaneios d'alma, é uma imagem que eu tambem offereço como lição a todos os poetas. *(Vê-se um encapotado ao fundo, com chapéo de aba derrubada).*

Mas, a final, onde é que está a filha? Foi o velhaco do creado que me enganou! É o couce da proza qúe bateu no peito da poesia. Filha de Aniceto, onde quer que estejas, eu te offereço este calix d'amargura, e boas noutes. *(Vai a recolher-se ao quarto.)*

SCENA X

JOSÉ PIMENTA E GUTERRES

Pimenta *(rebuçado)*

Boas noutes.

Guterres *(suspendendo-se)*

Boas noutes.

Pimenta

Quem é o senhor?

Guterres

Não respondo a encapotados de melodrama. Destape-se.

Pimenta *(deixa caír as bandas do capote)*

Eis-me.

Guterres

Eis-me o que? Cada vez o conheço menos.

Pimenta

O senhor fallava agora aqui em filha d'Aniceto. Que ha de commum entre o senhor e a filha de Aniceto?

Guterres

De commum de dois? temos questão grammatical ou phisiologica?

Pimenta

Que tem o senhor que ver com ella?

Guterres

Que tenho que ver com ella? Ha muita cousa que ver: por exemplo, Barcellos, o rei dos tambores, V. S.ª etc. Falta elle que ver...

Pimenta

O senhor sabe que da zombaria ao rewolver não ha mais que um passo?

Guterres *(sorrindo)*

O senhor figura-se-me um patusco bastante tragico. Um tyranno em Barcellos não póde ser melhor nem peor que a sua pessoa. Como se chama, posso saber?

Pimenta

Sou José Pimenta.

Guterres

Pimenta? por isso o senhor é tão cálido!... Eu sou de apellido Mira-mar. Tenho uma alma larga e fresca como o oceano. Saibamos: o senhor namora a filha d'este Aniceto? Falle franco, que tem em mim um coração de poeta e um respeitador dos direitos adquiridos. Ama a tal pequena?

Pimenta

Amo.

Guterres

Tambem eu.

Pimenta

Tambem o senhor?

Guterres

Tambem eu; mas ha uma differença entre nós, e vem a ser que ella a mim não me conhece, e provavelmente ao senhor ama-o.

Pimenta

Tenho provas d'isso.

Guterres

Tem? *(Solemne)* O senhor sabe que esma-

gou n'este momento um dos mais romanticos corações que batem em peito de homem? Sabe que espezinhou as florinhas d'um amor nascente que burbulhavam na charneca d'esta alma? *(concentra-se)* Coragem! Deixe-me saborear voluptuosamente o meu fel. E então o senhor vem aqui fallar-lhe? Sabe que ella está...

Pimenta *(apontando para o quarto de Aniceto)*

Sei que está alli no N.º 10, que m'o disse o creado da hospedaria.

Guterres *(apontando)*

Alli?

Pimenta

Alli sim. O senhor tambem o deve saber. Espere... *(reparando na vidraça sobranceira á porta.)* Vejo um vulto de cara por detraz d'aquelles vidros.. O senhor não vê?

Guterres

Sim, eu vejo lá o que quer que seja. .

Pimenta

É ella que me conheceu a voz. Quer outra prova?

Guterres

Não senhor, estou satisfeito. Aquella mulher é sua. Sou magnanimo até aqui!

Pimenta

Se me fosse possivel subir á altura da vidraça! Alli está uma mêza. O senhor guarda segredo? Não revella este arrojo d'um amante apaixonado?

Guterres

O senhor chama a isso arrojo? Arrojo seria o snr. Pimenta quebrar os caixilhos das vidra-

ças e passar-se lá p'ra dentro. Póde fazêl-o que eu não digo nada.

Pimenta *(attento nos vidros)*

É ella. É o anjo! Lá está o rosto amado!

Guterres

Vá, não perca tempo. Dê-lhe um beijo envidraçado. *(Pimenta aproxima uma banca da porta; sobe, e, ao chegar a cara aos vidros, Aniceto parte a vidraça com um murro, e põe fóra a cabeça.)*

Aniceto

Ah cão!

Pimenta *(saltando)*

Traição! traição! *(Ouve-se o rodar da chave. Pimenta foge.)*

SCENA XII

ANICETO E GUTERRES

(O palco escuro)

Aniceto *(correndo para Guterres)*

Ainda aqui estás, ladrão!

Guterres *(accendendo um phosphoro)*

Olhe que está enganado, snr. Aniceto. Suspenda-se. Veja que eu sou o funccionario da Povoa, Guterres Arthur. *(Continúa a accender phosphoros.)*

Aniceto

Mas eu vi a cara do meu algoz atraz d'aquella vidraça. Onde está o scelerado, o canalha do flautista?

Guterres

Elle toca flauta? São fataes os flautistas...

Aniceto

Transtornou a cabeça de minha filha o infame... Onde está elle?

Guterres

Safou-se. Os phosphoros acabam-se. Eu vou buscar uma vela ao meu quarto. *(Engana-se, e vae querer abrir o quarto de uma das fidalgas, que exclama de dentro.)*

Voz de velha

Quem está ahi?

Guterres

Enganei-me.

Voz

Um homem! que desafôro! um homem!

Guterres

Perdão, minha senhora; não grite tanto. V. Ex.ª parece-me bastante velha pelo metal de voz, e não deve recear-se de homens.

Voz

Que escandalo! um homem! a empurrar a porta do quarto de uma senhora...

Guterres

Não se assuste. V. Ex.ª em guerra de paixões é paiz neutro. Esteja socegada. Durma. *(Engana-se novamente com a porta d'outra fidalga.)*

Voz

Quem bate? quem anda aqui, mana?

Guterres

Cá está outra inviolavel. Não é nada, minha senhora. A mana não teve perigo.

Aniceto *(sahindo com uma luz do seu quarto)*

Aqui está luz. Venha cá, snr. Miramolim.

Guterres

Miramar, se faz favor.

Aniceto

Que me diz á perseguição d'este facinora? O senhor não lhe disse que eu estava n'este quarto?

Guterres

Nada, eu não lhe disse coisa nenhuma. Eu bem vi que o senhor estava a espreitar pelos vidros; mas como elle disse «lá está o rosto amado» cuidei realmente que o rosto amado era o da sua pessoa. Não se afflija. O caso tem remedio. Trate a doença de sua filha pelo systema homœopathico. *Similia similibus.* Sabe latim? *(Signal negativo)* Quer dizer: cura-se a molestia com a mesma droga que a faz, percebe? quer dizer: a doença de sua filha é causada pelo tal

sujeito, não é? *(Signal arffimativo)* Pois *similia similibus* arranje-lhe outro similhante.

Aniceto

Dois? tomára eu desfazer-me d'este.

Guterres

Outro marido, percebeu?

Aniceto

Percebi, sim, senhor; mas eu não acho que a minha filha tenha necessidade de casar com este nem com o outro.

Guterres *(com enfaze e rapidez)*

Snr. Aniceto, a natureza tem direitos inauferiveis. Ha periodos fataes no fluido nervoso que repellem toda a violencia, e a não soffrem sem que a especie seja deteriorada por transtornos contrapostos ás evoluções palyngenesicas da reproducção genesiaca, resultando d'ahi que

as evoluções abafadas disparam em atrophia do sensorio e outras aberrações de graves consequencias: o senhor percebe, eim?

Aniceto

As aberrações curam-se com uma boa bengala, snr. Miramolim.

Guterres

Miramar, se faz favor. Vejo que V. S.ª não entendeu. Sua filha ha de dar-lhe grandes penas e trabalhos, se não tiver em quem empregar a actividade do seu coração: percebeu agora?

Aniceto

Muito bem. Aconselha-me então o senhor que lhe procure marido.

Guterres

E quanto antes.

Aniceto

O senhor é solteiro?

Guterres

Sou, sim senhor, porque?

Aniceto

Quer casar com minha filha?

Guterres *(com gravidade)*

A sua filha, snr. Aniceto, é uma imagem que me sorria nos meus sonhos antes de a conhecer. Eu amo-a com este coração de anjo que tenho; e, se eu já não fosse poeta, os olhos d'ella fariam de mim um Camões d'occasião. Mas a sua pergunta á queima-roupa é um choque tal de felicidade que me burrifica. Deixe-me tomar ar. Ha commoções de alegria que achatam os bofes e sacodem todas as visceras d'um homem.

Aniceto

Não ha tempo a perder. Quero livrar-me da perseguição d'este bandido da flauta. Se V. S.ª annue, vamos sahir immediatamente de Barcellos, e onde podermos parar em paz e socego trataremos do seu casamento com a minha Victorina. Eu vou chamar minha filha. Quero que ella o veja e ouça fallar.

Guterres

Não, senhor. Isto de casamento é um acto sério e solemne. Corações apanhados de surpreza não me servem. A mulher, que houver de ser minha, hei de conquistal-a palmo a palmo com as armas do sentimentalismo poetico. Logo que eu conhecer que consegui apaixonar sua filha, então a contemplarei como objecto matrimonial. Eu sobretudo, snr. Aniceto, sou poeta.

Aniceto

Então que é preciso?

Guterres

É preciso que ella me ame espiritualmente. Eu vou principiar os meus primeiros ensaios no coração de sua filha empregando os expedientes sentimentaes.

Aniceto

Que vae o senhor fazer n'esse caso?

Guterres

V. S.ª não me disse que sua filha se apaixonara pelo tal Pimenta em consequencia de elle tocar flauta?

Aniceto

Foi isso.

Guterres

Pois eu vou empregar tambem a musica. Póde ser que esta menina tenha a alma lyrica e

philarmonica e que o seu coração só possa ser abalado instrumentalmente. Faz-me o snr. Aniceto o favor de recolher-se ao seu quarto, e esperar lá os phenomenos que se forem operando na sensibilidade de sua filha?

Aniceto

Sim senhor, eu cá vou esperar os phenomenos. *(Recolhe-se.)*

SCENA XIII

GUTERRES *(só)*

(Guterres pega da viola, preludia, aproxima-se do quarto de Victorina e canta em postura de inspirado)

Eu na Povoa descuidado
Já não sentia disvelos;
Eis que surges, luz brilhante,
E eu te sigo até Barcellos.

Acorda, menina,
Não durmas agora,
Em quanto se fina
De dôr quem te adora.

Victorina, escuta os hymnos,
Que te canta o meu amor;
Escuta os versos divinos,
De Guterres, trovador!

Acorda menina,
Não durmas agora,
Em quanto se fina
De dôr quem te adora.

(Escutando declama:)

Ella não se bole. Parece-me que a ouço resonar. É a belleza que ronca nos seus sonhos innocentes. *(Reparando em José Pimenta que vem entrando)* Temos chinfrim.

SCENA XIV

JOSÉ PIMENTA, GUTERRES, VICTORINA,
NO QUARTO E DEPOIS NA SCENA,
ANICETO MAIS TARDE, E O CREADO

(José Pimenta entra embuçado, medindo os passos á tragica. Chega ao meio da scena, arroja o chapéo, deixa cahir a capa, cruza os braços, relançando um olhar sinistro. Depois tira da algibeira interior d'uma jaqueta de pelle os canudos d'uma flauta, liga-os, dá dois passos á frente, e com a maior solemnidade toca a aria da Sombra de Nino, da Semiramis. Guterres tem passado com a viola para o outro lado, e faz menção de se defender com uma cadeira, em quanto o outro não toca. Victorina, assim que José Pimenta tem tocado a primeira parte da aria, começa aos empurrões á porta.)

Victorina *(dentro)*

Josésinho, Josésinho, eu estou aqui. Acode-me, salva-me! Arromba esta porta! *(Aniceto rompe do quarto com os braços no ar, a tempo que Victorina faz saltar a fechadura e corre aos braços de José Pimenta, exclamando:)* José, José, quero morrer nos teus braços. Ai! *(Desmaia nos braços d'elle.)*

Aniceto *(ao creado que tem entrado com a luz)*

Você faz favor de me ir chamar o regedor? chame-me as auctoridades todas. Ah grande facinora, cuidavas tu que em Barcellos não ha justiça que vingue um pae?

Guterres

Snr. Aniceto, não mande chamar as auctoridades. Nada de escandalos inuteis. Agora conheço que a chaga da sua filha só póde ser curada com o pêllo do mesmo... do mesmo José Pimenta. Não ha duvida que o coração d'esta menina está magnetisado pela musica; mas o que é certo é que a propensão d'ella não é a viola. A alma d'esta senhora inclina-se para instrumento de sopro. Não é assim, snr.ª D. Victorina? Faça favor de voltar a si para responder, e desmaie depois se quizer. *(Ella abre os olhos)* É verdade ou não?

Victorina

Ai! *(Aniceto cáe prostrado n'uma cadeira á boca da scena.)*

Guterres *(a Pimenta)*

O senhor não tem habilidade senão para a flauta. Aproveite a occasião e vá com a pequena ajoelhar-se aos pés do velho. Andem para diante. *(Empurrando-os)* Parece que nunca estiveram no theatro!

Pimenta e Victorina *(ajoelhando)*

Meu pae! piedade!

Aniceto *(erguendo-se de impeto)*

Oh! *(Grito rouco e prolongado; com os braços affasta tragicamente da vista o espectaculo dos dois que se ajoelharam.)*

Guterres

Snr. Aniceto, deixemo-nos de attitudes. Abençôe a união d'essas creaturas. Deixe-os casar; alegre-se com a esperança de que ha de ainda vêr meia duzia de netos a tocarem flauta; e meia duzia de netas, com o genio de sua mãe, amando uma orchestra de sujeitos distinctos desde a

trompa até á corneta de chaves. Vamos, volte o seu semblante misericordioso para os propagadores da sua individualidade tipica.

Aniceto

Levantem-se d'ahi! *(Erguem-se submissos.)*

Guterres

Bem; estão os senhores absolvidos. Parabens. Ó snr. Pimenta, eu creio que algum serviço lhe fiz, provocando com esta viola o poder fascinador da sua flauta. Em recompensa, faça-me o senhor o favor de dizer se foi realmente com a aria da Sombra de Nino que enfeitiçou esta sympathica joven?

Pimenta

Esta aria era a senha com que os nossos corações se entendiam.

Guterres

Ah! sim? Eu quero tocar isso no violão; vou

experimentar o effeito d'essa aria no coração de certas pessoas que costumam arrebatar-se fascinadas pela minha voz de tenor. *(Tange na viola o acompanhamento da Sombra de Nino, e canta :)*

Pobre poeta, ninguem te preza,
Pobre poeta, ninguem te quer;
Nem co'a viola tu conseguiste
Mover o peito d'uma mulher.

(No intervalo de uma quadra á outra. A José Pimenta)

Isto vae bem? *(Faz na viola escalas sobre os bordões.)*

Mas não importa; vença a flauta
A sympathia das fracas almas;
Que eu antes quero, meus bons amigos,
O vosso affecto e as vossas palmas.

FIM.

Porto, 3 de Fevereiro de 1871.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

